



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

VALÉRIA CRISTINA DA SILVA

**O CONTINENTE ASIÁTICO COMO CONTEÚDO PARA O ENSINO DA
GEOGRAFIA**

RECIFE

2023

VALÉRIA CRISTINA DA SILVA

**O CONTINENTE ASIÁTICO COMO CONTEÚDO PARA O ENSINO DA
GEOGRAFIA**

Trabalho apresentado à Universidade
Federal de Pernambuco - UFPE,
Campus Recife, como requisito para
obtenção do título de Graduação.
Orientador: Mestre Josias Carvalho

RECIFE

2023

Silva, Valéria Cristina da.
O continente Asiático como conteúdo do ensino da Geografia /
Valéria Cristina da Silva. - Recife, 2023.
61 : il., tab.

Orientador(a): Josias Ivanildo Flores de Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Geografia - Licenciatura, 2023.

1. Continente Asiático . 2. Relações bilaterais . 3. Ensino de
Geografia. I. Carvalho, Josias Ivanildo Flores de. (Orientação). II.
Título.

370 CDD (22.ed.)

VALÉRIA CRISTINA

**O CONTINENTE ASIÁTICO COMO CONTEÚDO PARA O ENSINO DA
GEOGRAFIA**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Campus Recife, como requisito para obtenção do título de Graduação.

Orientador: Mestre Josias Carvalho
Recife, 2023

Aprovado em: 13 / 04 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JOSIAS IVANILDO FLORES DE CARVALHO
Data: 20/07/2023 13:33:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Josias Ivanildo Flores de Carvalho. (orientador) Universidade Federal de
Pernambuco

Prof. Me. Jonas Marques Da Penha (Examinador Interno) Universidade Federal de
Pernambuco

Prof. Me. Valdemira Canêjo De Andrade (Examinadora externa) Secretaria de Educação e
Esportes de Pernambuco

RESUMO

Dentro de uma perspectiva atual, as relações entre o Brasil e os países do continente asiático estão em constante dinâmica desde a segunda guerra mundial. Ressaltamos a importância em estudar o continente asiático, o maior no quantitativo populacional e área, principalmente, no que se refere às suas relações geopolíticas e econômicas com o Brasil e o mundo. O presente trabalho busca apresentar essas relações bilaterais entre alguns países e o Brasil, demonstrando a importância do conhecimento sobre esse tema para a compreensão da formação global atual e das relações socioeconômicas entre o Brasil e a Ásia. Baseando nos fundamentos da análise de conteúdo e das pesquisas bibliográfica e documental foram abordados fatos históricos pertinentes e necessárias para evidenciar não apenas essas relações bilaterais, mas como elas estão inseridas nos parâmetros curriculares nacionais e como são trabalhadas do ambiente escolar de acordo com as competências evidenciadas, pontuando alguns, onde as relações são de longa data e de similaridades potenciais de serem considerados países desenvolvidos e os motivos pelos quais não são. O trabalho apresenta de forma breve o potencial teórico para aprofundamento do tema em sala de aula, considerando a forma superficial de abordagem dos assuntos voltados aos conflitos entre os países asiáticos entre si, evidenciados conforme a contextualização da formação territorial e econômica dos países citados e as alianças com o Brasil.

Palavras-chave: Continente asiático, Ásia, Brasil, Relações bilaterais, Ensino de Geografia.

ABSTRACT

From a current perspective, the relations between Brazil and the countries of the Asian continent have been in constant dynamics since World War II. We highlight the importance of studying the Asian continent, the largest in terms of population and area, especially regarding its geopolitical and economic relations with Brazil and the world. This paper aims to present these bilateral relations between some countries and Brazil, demonstrating the importance of knowledge about this topic for understanding the current global formatting and socioeconomic relations between Brazil and Asia. Based on the fundamentals of content analysis and bibliographic and documentary research, relevant historical facts were addressed to evidence not only these bilateral relations but also how they are inserted into national curriculum parameters and how they are worked on in the school environment according to the evidenced competencies, pointing out some, where the relations are long-standing and potential similarities to be considered developed countries and the reasons why they are not. The paper briefly presents the theoretical potential for further exploration of the topic in the classroom, considering the superficial approach to the topics related to conflicts between Asian countries, evidenced by the contextualization of the territorial and economic formation of the mentioned countries and their alliances with Brazil.

Keywords: Asian continent, Asia, Brazil, Bilateral relations, Geography

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	18
Imagem 2	18
Imagem 3	44

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Ásia	21
Mapa 2: Mapa político da Ásia Central	22
Mapa 3: Oriente Médio	24
Mapa 4: Mapa político do sudeste da Ásia	25
Mapa 5: Sul da Ásia	26
Mapa 6: Sudeste da Ásia	27
Mapa 7: Blocos econômicos	32
Mapa 8: Localização da Rússia no continente Europeu	37
Mapa 9: Economia da China	42
Mapa 10: Subcontinente Indiano	46
Mapa 11: As duas Coreias	48
Mapa 12: Localização dos países dos Tigres Asiáticos	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferença entre as Coréias

49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 ENSINO BASE E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	14
4 O CONTINENTE ASIÁTICO	21
4.1 ASEAN	28
4.2 APEC	31
5 RELAÇÃO DO BRASIL E O CONTINENTE ASIÁTICO	32
5.1 BRASIL E RÚSSIA	35
5.2 BRASIL E CHINA	40
5.3 BRASIL E JAPÃO	42
5.4 BRASIL E O SUBCONTINENTE INDIANO	45
5.5 BRASIL E AS CORÉIAS	48
5.6 BRASIL E OS TIGRES ASIÁTICOS	50
6 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A COMPREENSÃO DO CONTINENTE ASIÁTICO	52
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre as relações entre o continente asiático e o Brasil e como é estudado no ensino básico dentro das escolas. O objetivo principal é apresentar as relações entre os países do continente asiático e o nosso país, pontuando a importância dessas relações e como os países da Ásia se desenvolveram socioeconomicamente, sendo exemplo para o Brasil, bons e ruins a serem seguidos, ou não. Numa perspectiva globalizada e atual, com a quantidade de acontecimentos das áreas ambientais a políticas, o continente asiático está agitado, tanto em relação a conflitos territoriais como a dinâmica socioeconômica e política. Aparentemente, muitos dos acontecimentos parecem novidades para boa parcela dos alunos.

Dessa forma o auxílio para a compreensão dos eventos globais está intimamente ligado aos conhecimentos da Geografia como aponta Callai (2011, p. 131): "a educação geográfica considera importante conhecer o mundo e obter e organizar os conhecimentos para entender a lógica do que acontece". A contextualização do cenário permite que os estudantes compreendam a complexidade da realidade geográfica, identificando as contradições e desigualdades presentes no mundo contemporâneo. É por meio dessa abordagem que se pode construir uma educação geográfica capaz de formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de compreender o mundo e intervir na realidade de forma consciente e transformadora.

Além disso, a grade curricular nos permite trabalhar sobre as relações bilaterais entre o Brasil e os países do continente asiático? A formação de cada país desse continente é substancial para o entendimento da formação sociopolítica e econômica desses países e como o Brasil se relaciona e se identifica ao manter essas relações, e relações de longa data, devemos ressaltar.

Com uma visão mais clara do passado e das relações do presente, levando em consideração a importância passada da contribuição europeia na nossa formação territorial e econômica atual, mas levando em consideração o passado mais recente de relações colaborativas, como segue nossas relações atualmente e com quem conseguimos uma identificação nesse cenário global?

O Brasil é classificado como um país emergente. Temos inúmeras relações com países asiáticos na mesma categoria e com potencial significativo de se tornar potência mundial. O interesse brasileiro e desses países é simples: juntar forças e recursos e

tornar esse objetivo em comum realidade. Dentro desse objetivo e dessa formatação atual, as relações que mantemos com o continente asiático mostram proximidade de interesse. Logo, é de suma importância entender como funciona essa colaboração mesmo com tantas diferenças ideológicas e como o Brasil mantém esse "jogo de cintura" com países tão dinâmicos nos conflitos internos e, atualmente, diante de uma guerra interna entre Rússia e Ucrânia com um potencial gigantesco de se tornar uma guerra mundial.

Com o propósito de entender sobre as relações entre os países e o Brasil, a formação desses países destacados nos fazem entender o “como” e o “porquê” chegaram até o patamar atual, seja ele significativo como a China, como a parceria durante a pandemia (“Brasil e China trocam experiências em combate à pandemia”, Agência Brasil, 14 de julho de 2021), ou colaborativo para nosso país como a Índia com o comércio bilateral rendendo cerca de US \$10 bilhões (“Comércio bilateral entre Brasil e Índia ultrapassa US\$ 10 bilhões”, Agência Brasil, 14 de setembro de 2021).

Logo, saber sobre esses acontecimentos é de suma importância para a compreensão do mundo atual e explica a dinamicidade acelerada, os conflitos que em tese estão surgindo, não são conflitos recentes e sim de longa data, vemos no histórico de relações documentadas no site do Ministério Federal de Relações Internacionais entre o Brasil e os países da Ásia, a diferença entre o mundo Oriental e o mundo Ocidental e como a visão do mundo ocidental é distorcida como Said aborda em seu livro “Orientalismo” (SAID, 2007), a formatação política incomparável com o mundo ocidental, os conflitos constantes em interesse territorial, recursos naturais, cultura diferente, manutenção histórica e tradições que causam estranheza no ocidente e muito mais, (SAID, 2007).

Em suma, este trabalho tem como objetivo apresentar as relações bilaterais entre o Brasil e os países do continente asiático, com destaque para a Rússia, China, Japão, subcontinente indiano e os Tigres Asiáticos. Além disso, busca demonstrar a importância do conhecimento sobre essas relações para a compreensão da formatação global atual e das relações socioeconômicas entre o Brasil e a Ásia. Utilizando análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica e documental, o trabalho evidencia essas relações e como elas estão inseridas nos parâmetros curriculares nacionais e como são trabalhadas no ambiente escolar de acordo com as competências evidenciadas. Por meio de fatos históricos pertinentes e necessários, o trabalho não apenas aborda as relações bilaterais entre Brasil e países asiáticos, mas também mostra como essas relações estão inseridas no contexto geopolítico e socioeconômico atual. O trabalho destaca também a necessidade de uma abordagem mais crítica sobre os conflitos

entre os países asiáticos e apresenta um potencial teórico para aprofundamento do tema em sala de aula.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo do trabalho é apresentar as relações entre os países do continente asiático e o Brasil, destacando a importância desse conhecimento para entender a formatação global e as relações socioeconômicas. Utilizando análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica e documental, o trabalho evidencia essas relações e como elas são trabalhadas no ambiente escolar, pontuando também países com similaridades potenciais de serem considerados países desenvolvidos. O resultado apresenta um potencial teórico para aprofundamento do tema em sala de aula e destaca a importância de uma abordagem mais crítica sobre os conflitos entre os países asiáticos.

2.2 Objetivos Específicos

1. Apresentar as relações bilaterais entre os países do continente asiático e o Brasil, com destaque para as relações com a Rússia, China, Japão, subcontinente indiano e os Tigres Asiáticos.
2. Demonstrar a importância do conhecimento sobre essas relações para a compreensão da formatação global atual e das relações socioeconômicas entre o Brasil e a Ásia.
3. Contextualizar essas relações nos parâmetros curriculares nacionais e na abordagem da Geografia como ciência em sala de aula.
4. Pontuar algumas abordagens que consideram as similaridades entre o Brasil e os países asiáticos e os motivos pelos quais não são considerados países desenvolvidos.
5. Apresentar um potencial teórico para aprofundamento do tema em sala de aula, considerando a necessidade de uma abordagem crítica sobre os conflitos entre os países asiáticos.

Assim, o texto tem como objetivo principal destacar a importância do conhecimento das relações bilaterais entre o Brasil e os países do continente asiático para a compreensão da dinâmica global atual, apresentando uma análise crítica dessas relações e mostrando como elas podem ser trabalhadas em sala de aula de acordo com as diretrizes dos parâmetros curriculares nacionais para a disciplina de Geografia.

3 ENSINO BASE E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

É entendido que para o bom desempenho do aluno como cidadão ativo na sociedade a importância dos saberes, principalmente dos conhecimentos geográficos, que estão ligados às questões de identidade com o lugar onde vive, noções de espacialidade sob a ótica educacional geográfica, a formação de pertencimento, entre outros saberes que irá contribuir para a formação e aperfeiçoamento desse indivíduo no meio social, em suma "Seria o papel da Geografia 'alfabetizar' o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade" (PCNEM, 1999, p.30).

A importância de saber o que acontece ao seu redor com a realidade implicada no momento a partir de dados geográficos e históricos que explicam os fatos atuais e a facilitação da compreensão do que está acontecendo também é um dever implicado a geografia, "É possível analisar as transformações que esta sofre por causa de atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos vivem" (PCN, 1998, p. 51). A partir da compreensão dos cenários, a visualização das diferenças com base nessas questões será facilitada para os alunos.

Para o conhecimento do nosso próprio país, a questão da formação territorial explica bastante a realidade que vivemos hoje. De acordo com Santos (1994), nosso campo de estudos é o espaço territorial e o espaço humano, os espaços são frutos de uma construção histórica, as condições de vida atual são marcas de vidas passadas. Logo, as relações e alianças que o Brasil tem ou deixa de ter com outros países também são fatos importantes e devem ser estudados de forma a contribuir com a explicação do mundo atualmente.

De certo que não podemos tirar de dentro das universidades os mesmos assuntos e tipos de abordagens e trazer para sala de aula na educação básica, a linha tênue entre universidade e sala de aula tem que ser bem delimitada e precisa para não sobrecarregar os alunos, afinal, não é só com a geografia que a escola trabalhará é um conjunto de saberes que temos que alinhar e trazer, cada qual com sua área do conhecimento, para a vivência do aluno os assuntos que serão abordados. A lógica da educação geográfica consiste em entender o mundo e obter os acontecimentos relacionados com a sociedade de forma organizada para a compreensão do todo (CALLAI, 2011).

Trazer os fatos do dia a dia para as salas de aula, aplicados aos temas de conhecimentos abordados e pontificados de forma coerente, trará para o aluno o teor crítico

necessário para apurar melhor os fatos, enxergar o cenário como um todo de forma ampla e mais cautelosa, a fim de entender as relações nos âmbitos em que estão situados e da forma que foram firmadas. Assim como abordado no texto abaixo:

A geografia escolar se constitui como um componente do currículo, e, seu ensino, se caracteriza pela possibilidade de que os estudantes percebam a singularidade de suas vidas e, reconheçam a sua identidade e o seu pertencimento em um mundo que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual. É, portanto, uma matéria curricular que encaminha a compreender o mundo e, às pessoas a se entenderem como sujeitos neste mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais. Portanto, através da leitura do espaço o importante é ler o mundo, o que significa compreender aquelas informações que estão no cotidiano das pessoas contextualizadas, compreendendo o significado das formas que desenham as paisagens. (CALLAI, H. C. A geografia escolar e os conteúdos da geografia - Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas. Curitiba: CRV, 2011. p. 31-50)

O ensino básico consiste em proporcionar uma boa base para o aluno ter para o resto de sua vida. O ensino da geografia, trazendo a noção de espacialidade, trará consigo a história de antecessores e sua produção dentro desses espaços, explicando traços das condições atuais. Juntamente com a disposição das tecnologias que temos e a necessidade de adaptação social da nossa época atual, desafia o professor de geografia a inovar e atender a demanda de dispor os saberes da geografia na mesma dinamicidade dos fluxos de informações disponíveis simultaneamente em sala de aula e nas localidades dos alunos. Como ciência do presente (PCN, 1998), a geografia contribui para a compreensão dos eventos atuais dentro da realidade contemporânea.

Na geografia muito dos conceitos trabalhados são divididos em outras áreas do saber também, como trabalhamos sociedade e natureza se manter numa ciência de síntese não é interessante por causa da dinamicidade, a interdisciplinaridade é mais efetiva para esclarecer e conhecer o mundo, sozinha a geografia não alcançaria a interpretação de forma adequada. Não só trabalhamos com as ciências da natureza como também temos ligações com os conhecimentos da área de História, Economia, Filosofia, Física, Biologia, Química e Sociologia. Juntamente com essas áreas do saber o aluno vê o espaço de uma forma total e completa e desenvolve a criticidade necessária para compreender e se impor dentro da

sociedade a partir desses conhecimentos unidos e observados na realidade cotidiana e dentro das Escalas do saber: local, regional, nacional e global.

Segundo a PCN (1998), a Geografia, como uma ciência crítica, foi responsável pelo fim do saber neutro, da paisagem como espetáculo e do ensino conteudístico, sendo introduzida essa formatação dentro da ciência na década de 70. Ainda segundo a PCN:

Os avanços obtidos com as propostas teóricas e metodológicas da Geografia Crítica e da nova Geografia Humanista, colocando o saber geográfico como algo construído, guardando em si uma intencionalidade que deve ser desvendada, passou a permitir ao professor a possibilidade de um ensino de Geografia em que o aluno pudesse interagir com sua individualidade e criatividade não somente para compreender o mundo, mas também para construir o seu saber sobre esse mundo, fortalecendo sua autoestima. (1998, p. 135)

A nova geografia se moldou a partir das necessidades que a sociedade precisava naquele momento, juntamente com a geografia crítica o carecimento de entender o indivíduo inserido no meio e sua relação com esse meio, em relação ao impacto ambiental, social e econômico, deram à geografia um novo percurso para percorrer. Como professores de geografia precisamos buscar constantemente auxiliar na compreensão dessa dinâmica de construção do espaço para observar os possíveis resultados dessas interações. Assim como, nem antes nem depois, mas durante essa explicação, interagindo com o aluno para que ele e as outras pessoas compreendam como interagem de forma ativa e dinâmica nessa construção.

Uma das definições importantes da geografia é a globalização, além de categorias de análises, como espaço, lugar, território e outras, também existem temas como os das relações internacionais que devem ser desenvolvidos para que os alunos possam se inteirar e compreender os processos da nova ordem mundial (PCN, 1998). Antes de mais nada, é importante explicar o significado do tempo (PCN, 1998, p. 56-58), pois o aluno nessa fase da maturidade ainda não tem acumulada a memória necessária para compreender o seu significado e construir todo o cenário espacial para facilitar a compreensão da formatação espacial atual. Nessa nova ordem, é essencial trazer para a explicação o significado da importância dos grandes organismos internacionais que foram criados para mediar as relações internacionais entre os Estados, povos e nações do mundo (PCN, 1998, p.107).

Organizações do mundo, estas que deverão ter por compromisso ético de combater as ditaduras e todas as formas arbitrárias de repressão sobre trabalhadores, minorias étnicas e

nacionais, e garantir a liberdade de expressão e circulação de pessoas. Daremos enfoque nas relações e alianças do Brasil com o continente asiático (PCN, 1998, p. 107).

Como parte da compreensão do mundo das relações internacionais em que o nosso país faz parte, além da formação social do aluno, do desenvolvimento político-econômico desse indivíduo e de como é abordado o assunto em sala de aula, os temas devem ter uma amplitude de abordagem, observando os acontecimentos de todos os ângulos possíveis, especificando as particularidades e refletindo sobre onde aconteceram. Diante disso, é especificado na PCN (1998, p. 56): "Para o aluno não adianta dizer o que foi, mas onde e por que foi num determinado local e não em outro".

Analisando os conteúdos de Geografia para o Ensino Básico de Pernambuco, o tema das relações internacionais será abordado a partir do oitavo ano do Ensino Fundamental. O contato com informações sobre o que ocorre no mundo além das fronteiras brasileiras, bem como as decisões tomadas pelas potências mundiais, alianças e guerras que afetam o país, serão compreendidas a partir do entendimento dos motivos que levam a esses acontecimentos. Os países do continente asiático possuem relações bilaterais e multilaterais com o

Brasil há bastante tempo, desde a época dos imigrantes orientais que vieram trabalhar nos cafezais de São Paulo no fim do século XIX e início do século XX (HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 2008 - ALESP). Além disso, segundo o Ministério Federal das Relações Exteriores, em 1876, Dom Pedro II visitou São Petersburgo em caráter privado, e há registros de uma relação diplomática entre Brasil e Rússia desde 1828. Esse registro é um exemplo do tempo que há interesses entre as nações asiáticas e o Brasil. Compreender as questões que impediram a aproximação entre os países desse continente e o Brasil, no contexto histórico de suas respectivas tentativas de relacionamento de cooperação, levará ao esclarecimento de muitos dos acontecimentos atuais.

A diferença de questões políticas, culturais, ideológicas, sociais, econômicas e étnicas entre o ocidente e o oriente é bastante acentuada. Questões de território, urbanização, industrialização e globalização têm uma expressiva diferença de aplicabilidade e instalação.

O segmento de desenvolvimento é diferente entre eles e a forma de alcançar essa falsa linearidade das potências mundiais é completamente distinta. Quando analisamos os parâmetros curriculares de Pernambuco em relação aos conteúdos de Geografia, é citado no 8º ano, no segundo bimestre, as "Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial" (ORGANIZADOR CURRICULAR POR BIMESTRE – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS, 2020, p. 12). Os conteúdos iniciam com um tema estruturado sobre os EUA, países asiáticos aparecem apenas no tema dos BRICS.

Imagem 1

2º BIMESTRE			
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	CONTEÚDOS	HABILIDADES PE
CONEXÕES E ESCALAS	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	- Estados Unidos: geoeconomia e geopolítica; - Estados Unidos: relação com China, demais países e Brasil; - Ordem mundial: Brasil, países da América Latina e da África; - Produtos agrícolas: produção e distribuição mundial; - Produtos industrializados: produção e distribuição mundial; - Brics: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul; - Movimentos sociais brasileiros no campo e na cidade; - Movimentos sociais: latinos americanos; - Políticas públicas; - Regiões de fronteiras do continente latino-americano: conflitos e tensões; - Organismos internacionais e regionais: papel e cooperação; - Organismos de integração do território americano: Mercosul,	(EF08GE07PE) Conhecer e analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão e liderança global dos Estados Unidos da América como também sua relação com a China, com o Brasil e demais países. (EF08GE08PE) Conhecer e analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense, na ordem mundial do pós-guerra. (EF08GE09PE) Conhecer e analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). (EF08GE10PE) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos, identificando avanços e entraves

(Fonte: Organizador Curricular Por Bimestre - Ensino Fundamental - Anos Finais - Geografia), Pág. 12 -

Adaptada. 2020)

Imagem 2

		OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros; Etapa de integração dos organismos: área de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união monetária.	vivenciados pelos movimentos na elaboração e efetivação de políticas públicas. (EF08GE11PE) Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários. (EF08GE12PE) Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros), considerando as diferentes etapas de integração de cada organismo (área de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união monetária).
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E PENSAMENTO ESPACIAL	Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África.	- Representações cartográficas - Cartogramas; - Mapas temáticos; - Mapas esquemáticos: croquis; - Anamorfose geográfica;	(EF08GE18PE) Elaborar mapas (mapas tácteis, entre outros voltados para estudantes com necessidades educacionais específicas) ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América. (EF08GE19PE) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfose geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Fonte: Organizador Curricular Por Bimestre - Ensino Fundamental - Anos Finais - Geografia, Pág. 13 -

Adaptada. 2020)

Como podemos observar os conteúdos sobre as relações internacionais ligadas ao Brasil e da dinâmica mundial será ressaltado assuntos ocidentalizados. No bimestre seguinte os objetos de conhecimento e os conteúdos foram sobre “Os diferentes contextos e os meios técnicos e tecnológicos na produção” tema voltado para o mundo do trabalho, de acordo com os conteúdos, o único país asiático citado foi a China (Fonte: Organizador Curricular Por Bimestre - Ensino Fundamental - Anos Finais - Geografia, Pág. 12, 13. 2020). Com o decorrer da análise dos conteúdos podemos ver a abordagem sobre o continente asiático no 4º bimestre do 9º ano quando se refere a natureza, ambiente e qualidade de vida voltando o conteúdo para a quantia de recursos naturais encontrados no continente.

Assuntos específicos como política, economia e relações bilaterais são pouco abordados sobre os países do continente asiático e, como poderemos ver mais adiante, as relações entre as regiões asiáticas entre si são bastante dinâmicas, com muitos conflitos territoriais, interesses econômicos, interesses sobre os recursos, demonstrações de poder ofensivo e político, além da ideologia sociopolítica da região. Para o bem da nação a longo prazo, as consequências do “a todo custo” são justificadas pelo possível alcance do resultado final, como a China o fez com a reforma agrária no ano de 1958, com a tentativa de implantação do modelo político denominado “O grande salto para frente”, que acabou não dando certo e levando à grande fome, uma catástrofe social conhecida pela morte de cerca de 45 milhões de pessoas (BASTOS, Camila, 2008, p. 19-20).

Além das decisões políticas que refletem diretamente nas suas populações, existem conflitos territoriais em andamento pelo território asiático, sendo que os interesses dos grandes potenciais nos recursos naturais asiáticos estão por trás da maioria dos conflitos. Na tentativa de resistir a esses interesses, questões sociais e até religiosas são usadas como justificativas para embates. Ensinar sobre esses conflitos envolvem muitas questões, como é ressaltado a seguir:

Conteúdos como os dos espaços das minorias nacionais, étnicas, culturais, permitem uma abordagem de profundo significado geográfico. Isso em razão de que quase todas essas minorias têm raízes na maneira como foram, muitas vezes, “enclausuradas” no interior de certos espaços das sociedades majoritárias com os quais não se identificam e acabam desencadeando, muitas vezes, lutas sangrentas para adquirir sua autonomia territorial (BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 27).

No continente asiático, existe uma concentração interessante de países emergentes. A dinamicidade desses países e a interação deles com o Brasil ativam atividades que vão desde as formatações trabalhistas até as formatações espaciais. Na China, por exemplo, podemos ver exemplos das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs). O país é mais desenvolvido ao leste, enquanto que, em contrapartida, o oeste passa por questões delicadas de vulnerabilidade econômica e social (BORIAM, JACQUELINE, 2011, p. 55). Na Rússia, a questão da identificação euroasiática é relevante, uma vez que a maior parte da população russa se encontra do lado considerado europeu do país. Além disso, questões de relevo, climáticas, econômicas e políticas levam a população a se concentrar nessa área (SEGRILLO, 2016, p.

145). Já na Índia, a superpopulação e as fragmentações de regiões geram a necessidade de providências para evitar possíveis fragmentações (BASTOS, CAMILA, 2008, p. 54).

4 O CONTINENTE ASIÁTICO

Mapa 1: Ásia



Fonte: GUIAGEO

De acordo com SOUZA (2022), a Ásia é o maior continente do planeta, com uma área de aproximadamente 45 milhões de km². Além disso, a região tem a maior população do mundo, com cerca de 4,69 bilhões de pessoas, o que a torna a região com a maior densidade populacional do planeta. Esse continente possui dois dos cinco maiores países do planeta, a Rússia com 17 milhões de km² e a China com cerca de 9,5 milhões de km². A Ásia é composta por 51 países, sendo 10 países transcontinentais, 2 territórios não reconhecidos (Taiwan e Palestina), duas entidades internacionais reconhecidas (Macau e Hong Kong) e 5 dependentes (Ilhas de Cocos e Ilha do Natal na Austrália, Guam nos Estados Unidos, Acrotíri e Decélia e Território do Oceano Índico no Reino Unido (TODA MATÉRIA, 2023).

O continente foi dividido em regiões denominadas de Ásia Central, Ásia Meridional, Ásia Setentrional, Ásia Oriental, Ásia Ocidental e Sudeste Asiático para facilitar os estudos, administração e identificação. A Ásia Central não tem ligação com nenhum oceano dificultando o acesso a exportações, das regiões geopolíticas, ela é a mais fraca e instável. A região não é oficialmente delimitada, localiza-se ao sul da Sibéria e ao Norte do Irã e entre o Mar Cáspio e o Centro-Oeste da China. A região é formada por 5 países, que são: o Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomênia, Quirguízia e Tadjiquistão (SOUZA, RAFAELA, 2022).

Depois do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos EUA, segundo a reportagem de Renan de Souza e André Barbosa em “Ataques do 11/9 deram início a “guerra ao terror” e mudaram curso da geopolítica”, o território afegão ganhou notoriedade e, como foi estudado estratégias de ataques e contra-ataques dos e aos terroristas afegãos, os países ao redor dele foram ganhando atenção por questões geoestratégicas (DE SOUZA, R.; BARBOSA, A. "Ataques do 11/9 deram início a “guerra ao terror” e mudaram o curso da geopolítica”- CNN, 11 de set. de 2021).

Mapa 2: Mapa Político da Ásia Central



Fonte: GUIAGEO

O Oriente Médio, ou Ásia Ocidental¹, é bastante conhecido pelos intensos conflitos entre muçulmanos e judeus, bem como entre os próprios muçulmanos, divididos em xiitas e

¹ BRASIL ESCOLA. Ásia. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/asia.htm>>. Acesso em: 14 fev. 2023

sunitas. A região é formada por 16 países: Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Bahrein, Kuwait, Iraque, Irã, Turquia, Síria, Chipre, Líbano, Jordânia, Israel e Egito, sendo que este último país se situa apenas em parte na Ásia. A Palestina também é parte dessa região, mas é um dos territórios não reconhecidos. A maioria desses países segue a cultura islâmica, exceto Israel. Devido a questões culturais e religiosas, os conflitos se prolongam por cerca de três mil anos nessa região. Além disso, essa região é considerada a maior produtora de petróleo e gás natural do mundo, de acordo com a Agência Internacional de Energia - IEA (Relatório do Mercado de Petróleo, maio de 2020), o que pode gerar conflitos de interesses econômicos e territoriais.

A Ásia Oriental ou o Extremo Oriente é formada por países com semelhanças culturais. Localizada no leste asiático, ela detém cerca de 40% da população asiática, com um território de aproximadamente 12 milhões de km². É uma região geopolítica extremamente forte economicamente, considerada a mais rica do mundo já que essa região é formada por: China, Japão e a Coreia do Sul e do Norte além de Hong Kong e Macau, Taiwan também se localiza nessa região, porém ela é um dos territórios não reconhecidos (SOUZA, Rafaela - Ásia, 2022).

A Ásia Setentrional ou Norte da Ásia é composta apenas por dois países: Rússia e Mongólia. Esses países também são conhecidos como a Região da Comunidade dos Estados Independentes, juntamente com outros países que faziam parte da antiga União Soviética.

Já a Ásia Meridional, ou Sul Asiático, é formada pelos seguintes países: Maldivas, Butão, Índia, Paquistão, Nepal, Bangladesh, Sri Lanka e Afeganistão. Essa região sofre com a desigualdade social e econômica em seus países, além de abrigar o segundo país mais populoso do mundo, a Índia. É possível notar problemas socioeconômicos relacionados à

desigualdade social nessa região, onde vivem cerca de 1,65 bilhões de habitantes (SOUZA, Rafaela. "Ásia: mapa, países e regiões - dados gerais". 2022).

Mapa 5: Sul da Ásia



Fonte: GUIAGEO

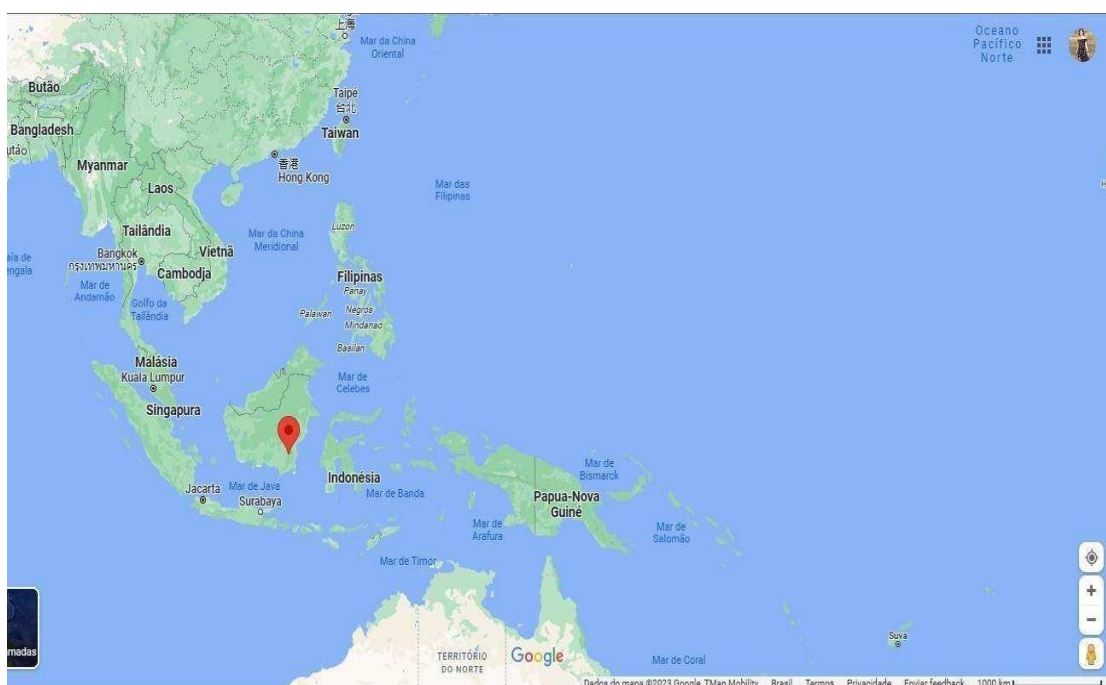
Os países Índia, Paquistão, Nepal e Bangladesh formam a região conhecida como subcontinente indiano. Essa região é caracterizada por possuir uma das maiores cordilheiras do mundo, onde se encontra o Everest, no Himalaia. O sudeste asiático é composto pelos seguintes países: Mianmar (ou Birmânia), Tailândia, Laos, Vietnã, Camboja, Malásia,

Cingapura, Filipinas, Indonésia, Brunei e o mais novo país do planeta, Timor-Leste. Devido à mão-de-obra barata, essa região é muito procurada para filiais de grandes produtores, destacando os problemas sociais que existem nessa região (SOUZA, RAFAELA, 2022).

Essa região abriga os Tigres Asiáticos, que são Cingapura, Malásia e Tailândia, e apresentam um significativo crescimento em seu desempenho econômico. Além disso, a região faz parte do círculo de fogo, conhecido por suas intensas atividades vulcânicas. Houve registros de maremotos e terremotos nesta região, levando à morte de milhares de pessoas (“O que é o Círculo de Fogo do Pacífico, onde fica o vulcão que matou turistas na Nova Zelândia”, G1.com, 09 de dezembro, 2019).

De acordo com o artigo "Ásia" da Toda Matéria de 2020, o Sudeste Asiático é conhecido pela presença dos Tigres Asiáticos, que são reconhecidos como as principais potências econômicas do continente.

Mapa 6: Sudeste da Ásia



Fonte: Google Maps

Quando partimos para falar sobre a economia do continente, questões religiosas e ideológicas e os constantes conflitos por posses de fronteiras e demonstrações de poder, durante muito tempo separam as nações deste continente, visando os próprios interesses até a preocupação após a Segunda Guerra Mundial. Boa parte do mundo estava se mobilizando para participar de blocos econômicos ou em cooperações econômicas buscando garantir a dinâmica do mercado internacional e do mercado interno de cada país interessado.

O Japão, no continente asiático, foi um dos primeiros a observar essa situação. Instaurar o regionalismo multidimensional nessa região viria ser de suma importância no futuro, dinamizando o mercado internacional, tendo em vista que se as regiões parassem de disputar entre si, se integrarem e trabalhar em conjunto procurando sempre o modo mais pacífico possível os resultados nacionais e continental seriam mais favoráveis para todos os interessados (ALTEMANI, Henrique. O Século XXI: regionalismo ou globalização? Editora SENAC São Paulo, 2002 - p. 115).

A ASEAN já executava essa possibilidade, mas era basicamente restrito ao sudeste asiático, os japoneses visavam algo maior com a possibilidade de envolverem também países americanos e europeus, para trazer dinamicidade mercantilista ao oceano pacífico, as tentativas de tornar o bloco econômico dessa magnitude concretas, até os dias de hoje são conflituosas por causas dos interesses nacionalistas das nações que atualmente são potências mundiais: China e Estados Unidos da América (“Divergência entre EUA e China ofusca cúpula da Apec”, dw.com, 18 de novembro de 2018). Esses países têm seus próprios interesses e cada potência não aceita as propostas da outra potência, iremos ver um pouco mais dessa situação quando estudarmos a tentativa do super bloco econômico APEC.

4.1 ASEAN

A ASEAN é uma organização intergovernamental, formada dia 08 de agosto de 1967. Inicialmente cinco ministros das relações exteriores dos países da Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura e Tailândia sentaram-se, discutiram por dias e assinaram um acordo. Esse acordo tinha por objetivo promover a cooperação econômica, social, cultural, técnica, educacional e outros além do incentivo e promoção da paz entre as regiões.

O pequeno documento continha cinco artigos e foi nomeado de Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Esses artigos são a base primordial da ASEAN:

- I. Respeito mútuo pela independência, soberania, igualdade, integridade territorial e identidade nacional de todas as nações;
 - II. O direito de cada Estado para conduzir a sua existência nacional livre da interferência externa;
 - III. Não interferência nos assuntos internos um do outro;
 - IV. A renúncia à ameaça ou uso da força;
 - V. Cooperação efetiva entre si.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira
("ASEAN"; Brasil Escola, 2020)

No dia da declaração sobre essa cooperação, a ASEAN foi proclamada como "a vontade coletiva das nações do Sudeste Asiático de se unirem em amizade e cooperação e, através de esforços e sacrifícios conjuntos, garantir para seus povos e para a posteridade as bênçãos da paz, liberdade e prosperidade" (*THE FOUNDING OF ASEAN*, 2020, p. 1-2). Os ministros envolvidos na criação da ASEAN foram: Adam Malik da Indonésia, ele sugeriu o termo ASEAN para nomear a união do grupo; Tien Abdul Razak, Malásia; S. Rajaratnam, Cingapura; Thanat Khoman da Tailândia e Narciso R. Ramos da Filipinas (*THE FOUNDING OF ASEAN*, 2020, p. 1-2).

A organização surgiu de uma negociação de reconciliação entre os países da Indonésia, Filipinas e Malásia intermediadas pela Tailândia. O resultado dessa negociação serviria para os quatro países envolvidos, porém a Indonésia ofereceu suas contribuições, que eram bastante significativas para todos os envolvidos e participou ativamente da negociação. O pensamento sobre esse acordo foi extremamente interessante pelo fato de, se os países não agissem em união, não sobreviveriam e as regiões seriam "balcanizadas", seriam fragmentados para poder se manter (*THE FOUNDING OF ASEAN*, 2020, p. 1-2).

Temendo essa balcanização a discussão da reconciliação dos países em conflitos se tornou também uma discussão sobre um modo de pensar além da resolução dos conflitos de forma pacífica, um modo de organizar e progredir o sudeste asiático sem que nenhum país ou região caísse em ruína. Essa cooperatividade não significa o banimento dos conflitos na região, até os dias atuais ainda existem conflitos entre os integrantes que compõem a ASEAN, a diferença é a forma buscada para resolver esses conflitos, seguindo fielmente o acordo, buscando a reconciliação diplomática e pacífica e a cooperação mútua.

A ASEAN, que no início era composta por cinco países, no ano de 1997, ano de seu 30º aniversário já havia dez integrantes em sua composição, definitivamente os dez países que compõem o sudeste asiático, que são: Brunei, Camboja, Cingapura, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Tailândia e Vietnã. Além dos países chamados de observadores, Papua-Nova Guiné e Timor Leste. Segundo Gutiérrez (1993) a formação da Asean não se estabeleceu apenas por causa de interesses em cooperação mútua econômica e na promoção da paz, pelo menos não de imediato, ele vai dividir os interesses e objetivos da Asean em três momentos diferentes.

Ainda segundo Gutiérrez, em seu livro *La asean ante el emergente Orden mundial: reordenamiento regional y diplomacia colectiva en el pacifico*, (1993), no primeiro

momento, entre 1967 e 1975, a Asean² passou por esse processo de formação, estabilizar os países envolvidos em conflitos e definir uma cooperação entre eles. No segundo momento entre 1976 e 1986, a preocupação era com os conflitos próximos a esses países onde uma invasão era proeminente, o Camboja havia sido invadido pelo Vietnã, a união-soviética e a China encontravam-se em embate e a situação bélica e política da Indochina estava se agravando, então nesse momento a segurança era a preocupação principal. No terceiro momento, que vai desde 1987 até os dias atuais, houve um aprofundamento, gerado pela pressão política e econômica da ordem mundial em relação aos países membros da Asean, na ênfase dos aspectos econômicos entre as regiões e na incrementação do intercâmbio intra regional.

O grupo também foi convidado pelo Japão a participar de uma organização do bloco econômico visando a dinâmica mercantil nos mares do oceano pacífico. A ASEAN é um exemplo bom de cooperação mútua dentro do continente asiático porque reforça a continuidade de manter a paz entre os territórios e na resolução pacífica de conflitos, os existentes e os possíveis conflitos vindouros. O acordo feito entre os países da ASEAN tem beneficiado bem a todos os envolvidos principalmente depois dos acordos assinados e da implantação do livre comércio iniciado em 1992 e concluído em 2008, aumentando a competitividade do mercado FRANCISCO e CERQUEIRA ("ASEAN"; Brasil Escola, 2020). Em agosto de 2022³, o Ministro de Relações Exteriores brasileiro foi convidado pelo Secretário-Geral da ASEAN, Senhor Lim Jock Ho para nomear o Brasil como Parceiro de Diálogo Setorial. Para o Brasil manter relações com o bloco tem sido crucial, entre os anos de 2016 e 2021 o fluxo comercial teve um aumento significativo de 91%, rendendo cerca de USD 28,9 bilhões (Admissão do Brasil como Parceiro de Diálogo Setorial da ASEAN, 04 de agosto, 2022).

² GUTIÉRREZ, H. La asean ante el emergente Orden mundial: reordenamiento regional y diplomacia colectiva en el pacífico. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.

³ 3MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. Admissão do Brasil como Parceiro de Diálogo Setorial da ASEAN. Brasília, DF, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/admissao-do-brasil-como-parceiro-de-dialogo-setorial-da-asean>. Acesso em: 22 mar. 2022.

4.2 APEC

A Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), é um bloco econômico que integra 21 países asiáticos, americanos e europeus localizados no círculo do pacífico, o objetivo principal seria movimentar a economia dentro das águas do oceano pacífico. Caso estivesse realmente em atividade, seria considerado um superbloco, mesmo com os entraves ainda é visto dessa forma (*History, Asian-Pacific Economic Cooperation*, março de 2022).

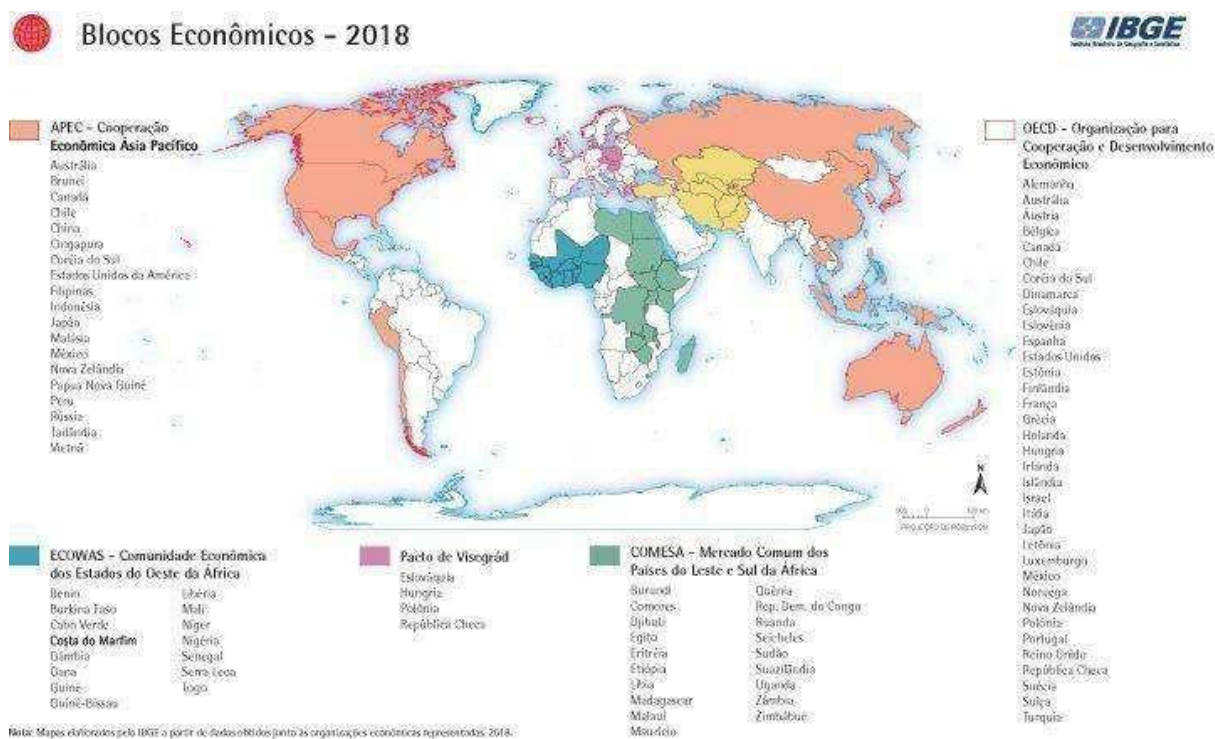
O primeiro esquema de cooperação propriamente dita, foi idealizado em 1965 pelo professor japonês Kiyoshi Kojima chamado de PAFTA (Pacific Asian Free Trade Area), com a criação de uma área de livre comércio. No entanto, por indisposição estadunidense, onde não via muita vantagem para si, o PAFTA não se consolidou, mas a preocupação com a necessidade de uma cooperação econômica estava em vigência (ALTEMANI, 2002 - p. 115).

Segundo o Dr. Henrique Altemani, Coordenador do Grupo de Estudos Ásia Pacífico (USP), o Japão que na época era o exemplo de desenvolvimento tecnológico e econômico do continente asiático, temia ser excluído das transações mercantis pelo fato de não estar integrado num bloco econômico ou em cooperação econômica com outros países. Principalmente após a segunda guerra mundial, quando a organização em blocos como os da União Europeia estavam se desenvolvendo bem. Para chegar até a APEC houveram muitas reuniões e tentativas de firmamento estrutural desse superbloco.

A última reunião da APEC⁴, em 2018, demonstra o porquê do superbloco econômico não ter entrado em efetividade, dentro do bloco há bastante interesses mútuos e individuais, nacionalistas. Cada país presente está ali não só pela cooperatividade no coletivo, mas sim por interesses próprios. Na APEC está a China, que procura exercer suas influências econômicas e sociais nas américas e os EUA que busca a um tempo exercer as suas influências sociais, políticas e econômicas na Ásia, no fim os interesses semelhantes desses os impedem de entrar em acordo, fora algumas outras questões vistas como “menores”, mas não menos importantes. De toda forma o nacionalismo de cada país envolvido os impede de chegarem a uma conclusão (ALTEMANI, 2002).

⁴ Divergência entre EUA e China ofusca cúpula da Apec – DW – 18/11/2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/diverg%C3%A2ncia-entre-eua-e-china-ofusca-c%C3%BApula-da-apec/a-46348018>> Acesso em: 02 mar. 2022.

Mapa 7: Blocos Econômicos



Fonte: IBGE, 2018

5 RELAÇÃO DO BRASIL E O CONTINENTE ASIÁTICO

A relação entre o nosso País e o continente asiático ganhou notoriedade mundial ainda no governo de FHC. O plano de internacionalização brasileira foi um projeto de Fernando Henrique Cardoso e sucedido por Luís Inácio Lula da Silva. No ano de 1995⁵ o então presidente da época Fernando Henrique Cardoso visitou a Malásia, se encontrando o secretário-geral da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), Kuala Lumpur numa das notórias tentativas graduais de aproximação com a Ásia (Folha de S.Paulo, “Malásia oferece parceria comercial a FHC”, 19 de dezembro, 1995).

Era interessante para o Brasil ter esse contato com alguns países que faziam parte da Asean na época, a China já vinha dando grandes avanços econômicos, a Coreia do sul com suas indústrias tecnológicas, como a Samsung e a Hyundai, além da recente inserção da Indonésia no mercado industrial. O intuito era de progredir esses países subdesenvolvidos em união, ou seja, juntar forças para crescer de forma independente dos países considerados potências mundiais, se tornarem potências, mas de forma que, todos os envolvidos se

⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Malásia oferece parceira comercial a FHC. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 dez. 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/19/brasil/19.html>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

beneficiassem. Nosso país conhecidíssimo pela produção agrícola e pecuária forneceria os insumos necessários para esses países progredirem industrialmente, o Brasil vende os insumos e compramos os produtos já prontos e assim fazendo a economia girar e crescer.

Durante o governo de FHC a aproximação aconteceu e foi benéfica para todos, no entanto, houve a desvalorização forçada da moeda tailandesa, causando uma crise na ASEAN que causou um declínio no crescimento econômico internacional interna no Brasil (G1.com, 2007), tornando a situação econômica brasileira instável e dificultando a candidatura do candidato de FHC, já que ele não podia se reeleger novamente vindo então a ser eleito Luís Inácio Lula da Silva, que deu continuidade a essa estratégia econômica do governo anterior.

No entanto, o Brasil tem desde a década de 40 possui relações bilaterais com países asiáticos. Segundo as informações do site Federal de Relações Exteriores entre o Brasil, Ásia, Pacífico e Rússia, temos relações desde comerciais a relações esportivas com 90% dos países do continente asiático. Essas relações são benéficas para ambos os lados e se caracteriza por uma troca de commodities e de conselhos políticos, sociais e econômicos. As relações mais complexas e constantes com o Brasil são dos países da Rússia, China, Coreia do Sul, Índia e Japão, segundo dados do ministério das relações internacionais.

Alguns desses países buscam os mesmos objetivos nos campos sociais, econômicos e políticos que por compartilharem dos mesmos interesses fazem parte de outras organizações internacionais multilaterais, além das relações bilaterais, o desafio dessas relações entre esses países são as diferentes culturas e ideologias, os modelos de como fazem política também são gargalos para uma boa comunicação entre Brasil e países como China, Rússia e Índia.

Nos anos 90 a China e os países que compõem os Tigres asiáticos começaram a sua industrialização incrivelmente rápido e progressiva, ou seja, a cada ano que se passava mais esses países cresciam. O Brasil para manter as relações com a Ásia equilibrada teria que manter um crescimento igualmente progressivo. O desafio do crescimento ficou no período do governo Lula (OTAVIANO, 2018).

A China trabalhou muito bem o que tinha de positivo, população. Como é bem conhecida, a China é o país mais populoso do mundo seguido da Índia e ambos estão no mesmo continente, para o Brasil, é como unir o útil ao agradável. Uma matéria no site do Estadão, no Canal Agro, informa sobre a posição no ranking mundial de exportação de grãos: "O País é o maior exportador de grãos em valor, com receita de US\$ 37 bilhões, equivalente a 22,2% das exportações globais" ("Quais são os principais produtores de grãos do mundo?"

Canal Agro, maio de 2022). Além disso, o Brasil é o terceiro maior exportador de soja do mundo e o quarto maior exportador de grãos globalmente.

O continente asiático seria a fábrica e o Brasil o seu fornecedor de insumos, por manter relações com os países independentemente dos conflitos internos e divergências políticas. Essas relações comerciais abrem espaço para relacionamentos culturais e sociais também. Até os dias atuais, as relações com o continente asiático têm sido amigáveis, mesmo com as divergências ideológicas do governo Bolsonaro (2019-2022), principalmente frente à pandemia que atingiu o mundo inteiro, levando à morte de milhões de pessoas. A pandemia teve início na China em dezembro de 2019, e houve muitas acusações diretas ao país de propagação intencional do vírus da COVID-19, além de nomeações xenofóbicas como o “vírus chinês”. Essas acusações não vieram apenas do presidente do Brasil na época, mas também de outros líderes, como o ex-presidente dos Estados Unidos, Trump, como aponta DELLA (“Em novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra biológica com Covid”, Folha de S. Paulo, 05 de maio de 2021).

Como a pandemia abalou demais a economia capitalista as relações comerciais internacionais foram brutalmente abaladas também levando os países a um declínio econômico e uma abrupta interrupção do crescimento gradual anual do PIB de todos os países envolvidos, incluindo todas as potências globais (“Pandemia provoca recessão recorde e derruba PIB de ao menos 28 países” Exame., 1 de setembro de 2020). No entanto, houve a tentativa de achar um culpado com pretextos de que o vírus teria sido propagado de forma intencional visando quebrar a economia mundial em busca da consolidação da China como potência soberana mundial, uma guerra biológica. Essa narrativa foi reforçada por muitas autoridades ao redor do mundo. Durante a Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia aqui no Brasil vazou uma reunião com o presidente onde ele fala:

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou por algum ser humano [que] ingeriu um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra?”, disse Bolsonaro, que completou: “Qual o país que mais cresceu seu PIB [Produto Interno Bruto]? Não vou dizer para vocês. (“Presidente da CPI se diz preocupado com „ataques à China“ por parte do governo”, CNN, 05 de maio de 2021).

O que causou muita preocupação tendo em vista as relações comerciais que temos com a China e levando em consideração que 95% dos insumos necessários para produção da vacina contra o Coronavírus vinha da China. Mais para frente falaremos de forma mais

detalhada sobre essas relações entre o Brasil e a China (“Em novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra biológica com Covid”, Folha de S. Paulo, 05 de maio de 2021). .

Fazendo uma leitura histórica das relações entre Brasil e o continente asiático, foi possível ver tentativas de relações desde muito tempo atrás. Segundo se sabe, o Brasil e a Rússia tiveram contato entre seus líderes quando o Brasil ainda era uma monarquia, o interesse não foi conhecido, mas já existia comunicação entre eles, ⁶(Ministério das Relações Exteriores, Federação Russa, 09 de julho de 2014) .

Outro fato interessante foi o do Japão, depois da abolição dos escravos os cafezais ficaram sem mão-de-obra suficiente e se fazia necessário aumentar o número de trabalhadores, em contrapartida o Japão estava sofrendo com a superpopulação, grande parcela dessa população eram trabalhadores do campo, a solução do problema brasileiro. Para a imigração acontecer leis no Brasil foram criadas e/ou alteradas. Antes a possibilidade de os orientais virem para o Brasil de forma legal era inconcebível, o governo brasileiro só aceita imigração de pessoas vindo da Europa, na tentativa de “esbranquiçar” a população do Brasil como a Lei de Terras de 1850 e Lei de Territorialidade de 1871 (“Arquivo Nacional”, gov.com, 20 de outubro de 2020 .

Com a necessidade de trabalhadores nos cafezais e com a proposta do governo japonês de transportar famílias com experiência em trabalhar nos campos, o Brasil teve que rever a política de imigração do país. Em 1892 o então governante do Brasil, o Marechal Deodoro da Fonseca, assinou um decreto permitindo a imigração tanto oriental quanto africana. Para os japoneses poderem trabalhar no país foram combinadas algumas condições, entre elas a de que os japoneses teriam que vir para o Brasil em família, ou seja, casal e filhos (BERMEJO, 2019, p. 08). Sobre essa relação entre nossa nação e os japoneses veremos detalhadamente mais à frente.

5.1 BRASIL E RÚSSIA

No pós-guerra fria a Rússia ficou deslocada nas relações internacionais, como a guerra acabou sem alterações na formatação internacional, ela ficou numa posição indefinida e com status indefinido. Muito antes da guerra fria no país da Rússia já existia o problema de pertencimento continental, a Rússia um país europeu ou asiático? Na formação da Rússia, o

⁶ Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Federação da Rússia. Disponível em:<<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/federacao-da-russia>>. Acesso em: 28 abr. 2022.

país de extensão territorial enorme nos dias atuais, eram maiores ainda e dominados pelos mongóis. Os mongóis dominaram as terras russas por cerca de três séculos segundo entre os séculos 13 e 15, conhecidos como bárbaros, a imagem russa ficou atrelada a essas características “animalizadas” dos mongóis, quando houve a retomada do poder pelos russos com o Pedro I, o então imperador decidiu civilizar a sociedade nos moldes do Ocidente, demonstrando um repúdio à forma que os mongóis governaram, (História da Rússia, BACELAR, 2022, p.1)⁷.

A partir da época do império Carolíngio no século IX, e ganhando forças com as Cruzadas, os europeus foram consolidando em sua cultura a Cristandade Latina em contrapartida os russos se identificaram com os Ortodoxos, se afastando mais da cultura europeia. Quando ocorreu a revolução francesa e a industrialização na Europa, os russos foram ficando para trás no quesito socioeconômico, enquanto a Europa se modernizava, a Rússia estava passando por conflitos internos políticos, sociais e consequentemente econômicos, fugindo do ideal de sociedade desenvolvida, foi esquecida pelo ocidente (SEGRILLO, 2016 p. 12-14).

Na tentativa de manter relações com os europeus, os russos entraram em conflitos com alguns países asiáticos, acarretando uma série de desavenças territoriais, além de não conseguir obter o reconhecimento como nação européia, e por causa dos embates também não foi enquadrada como nação asiática, além dos russos não se identificarem muito como asiáticos, por isso estudiosos criaram um termo para identificar o país russo, euroasiático (SEGRILLO, 2016 p. 145).

⁷ BACELAR, Jonildo. História da Rússia. Guia Geográfico Europa, [2022]. Disponível em: <<https://www.guiageo-europa.com/russia/historia.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2023.

Mapa 8: Localização da Rússia no continente europeu



Fonte: GUIAGEO

Não começa com o fim da guerra fria, mas pode-se dizer que acentua a colocação de dualidade no status da Rússia. Sendo a Rússia um país de grande potência ao mesmo tempo que é considerado um país emergente. Um país de tamanho continental, rico em gás natural, o segundo maior produtor de petróleo do mundo (Dependência nacional das importações russas de combustíveis fósseis, IEA, dezembro de 2022), sem contar com o seu colossal poder bélico (*“Military and Security, Rússia”*, cia.com, 2022), não corresponde ao desenvolvimento socioeconômico correspondente a de países emergentes, segundo dados do IBGE (RÚSSIA - FEDERAÇÃO RUSSA, IBGE, indicadores de 2020).

As relações entre Brasil e Rússia divergiram por algum tempo por conta de viés ideológicos, o Brasil não apoiava ou correspondia a ideologia dos governos russos até o governo de Collor na década de 90, mas nada firmado entre os países, só em 2002 com uma visita de Fernando Henrique Cardoso à Moscou, iniciou a possibilidade de firmamento estratégico entre os dois países, no entanto só em 2010 foi firmado um plano abrangente de estratégia entre Brasil e Rússia, segundos dados do site de relações exteriores. As similaridades que existem entre Rússia e Brasil, levou a Rússia, um país tão fechado em suas relações, a considerar o Brasil como um aliado estratégico, ambos são países continentais, agentes transformadores e importantíssimos dentro dos seus continentes, ambos produtores importantes internacionalmente com boas possibilidades de entrada para o grupo seletor das potências mundiais, porém ambos com essa trava socioeconômica, (Ministério das Relações

Exteriores, 190 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia – 3 de outubro de 2018, 03 de outubro de 2018).

É interessante examinar a complementaridade que há entre Rússia e Brasil em relação ao *soft power* e o *hard power*, esses termos foram criados pelo norte americano Joseph Nye (2004) numa definição de poder, surgiram por causa da Guerra Fria. Os russos entendem que muitas de suas tentativas de mudanças internas, sociais e políticas falham pelo fato de não saberem utilizar essa forma mais branda de governar, através do poder da sutileza e convencimento. O *soft power* se caracteriza por essa forma branda e sutil no qual a política brasileira se baseia, os russos são mais diretos e duros, utilizando até a força para obter êxito nos interesses políticos e socioeconômicos do país, o qual os enquadram nas características de *hard power* (*Soft Power e Hard Power: entenda a diferença!* Por Aline Ruthe – publicado 04/02/2022)

As tentativas de mudanças para a forma mais sutil não deram certo, desde 2014 que a parte europeia da Rússia se sentia em constante ameaça com a expansão progressiva da OTAN, criada nos anos de 1949 iniciando com doze países do Atlântico Norte unindo-se para se protegerem da União Soviética (“*NATO History*”, nato.int) . O atual objetivo na OTAN segundo o site oficial é de “promover os valores democráticos e permitir que os membros consultem e cooperem em questões relacionadas com a defesa e a segurança para resolver problemas, criar confiança e, a longo prazo, prevenir conflitos.” (“*What is NATO?*” nato.int, p.2) . No entanto, visto pelos russos, com o fim da união soviética em 1991, a Rússia desde então solicitava à OTAN que não expandisse para o leste europeu, o governo russo via essa expansão como uma forma de ameaçar e pressionar o país.

No entanto, em 2020 já havia 30 países integrados à OTAN (“*What is NATO?*” nato.int, p.1). Além de não se sentirem confortáveis com essa expansão a possibilidade de a Ucrânia integrar essa organização, por muitas questões uma delas são as saídas portuárias da região, a Ucrânia também estaria bem as portas das fronteiras russas, deixando assim o cerco adotado pela OTAN cada vez mais próximo das fronteiras, o lado europeu da Rússia estaria sob constante observação. Em 24 de fevereiro de 2022, aconteceu o início de uma guerra que está durando a mais de um ano (até então, e seguindo), a Rússia invade a Ucrânia exigindo a não integração dela à OTAN (“Guerra na Ucrânia: Rússia invade o país por terra, ar e mar” G1.com, 24 de fevereiro, 2022) .

A invasão russa mexeu com o mundo, o medo de desencadear uma guerra nuclear segue iminente pelo fato da OTAN ter se organizado ao redor da Ucrânia protegendo os

países que integram a OTAN caso o atual presidente russo Putin decidiu expandir as fronteiras da região ucraniana. Nenhum dos países integrantes da organização disponibilizaram ajuda militar ao país da Ucrânia, o temor inicial era de os EUA enviar ajuda militar à Ucrânia ou a integrar de vez na organização, declarando a invasão como um ataque direto à OTAN e desencadeando uma guerra de grandes proporções, no entanto isso não aconteceu. A Ucrânia está recebendo muita ajuda humanitária, e até o presente momento segue resistindo à invasão, tendo reuniões periódicas de negociações entre os representantes dos presidentes Volodymyr Zelensky da Ucrânia e Vladimir Putin presidente russo (“Comitivas da Rússia e da Ucrânia se encontram pela primeira vez e devem fazer consultas antes de voltar a se reunir” G1.com, 28 de fevereiro, 2022).

Essa guerra reverberou no nosso país nos preços de alimentos básicos como alguns grãos e pão, por exemplo, o quilo do pão já chegou a custar 20\$ no Brasil. Na semana da invasão, a Rússia sofreu várias sanções bancárias, comerciais, mercantis, de comunicação, entre outras, tornando-se o país mais sancionado da terra. No entanto um dos maiores fornecedores do mundo de gás natural e petróleo é a Rússia, durante a primeira semana um barril de petróleo nos Estados Unidos chegou a custar 112 dólares, também sentimos aqui no nosso país o aumento do combustível (“Entenda por que o preço do petróleo disparou com a guerra entre Ucrânia e Rússia” – CNN Brasil, 04/03/2022). As relações com o Brasil e a Rússia deixou o Brasil, no que chamaram de “saia justa” internacional, pelo fato de uma semana antes, o presidente Bolsonaro ter visitado o presidente russo mesmo frente às ameaças dele de invadir a Ucrânia, todos os consulados de outros países recomendaram a saída de seus cidadãos do país, menos o Brasil:

O encontro do presidente Jair Bolsonaro com o presidente russo, Vladimir Putin, previsto para a quarta-feira (16/02/22), é visto no país como uma oportunidade para Moscou aproveitar o recente "esfriamento" das relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Já Bolsonaro busca mostrar força em meio às dificuldades que ele deverá enfrentar nas eleições deste ano (BBC NEWS BRASIL; BBC NEWS RÚSSIA, 2022).

Quando pedido uma posição sobre o atual cenário da guerra houve, de primeiro momento, silêncio por parte do presidente brasileiro. A primeira resposta repudiando a atitude russa veio do vice-presidente Mourão (“Mourão e líderes mundiais condenam ataque da Rússia à Ucrânia”, GQ.globo.com, 24 de fevereiro, 2022). Mesmo havendo várias reuniões de negociações, sanções sendo aplicadas tanto governamentais quanto de empresas privadas

internacionais dentro do país russo (“Rússia x Ucrânia: quais sanções estão sendo impostas à Rússia e o que mais pode ser feito?” BBC News, 24 de fevereiro, 2022).

O conflito entre a Rússia e a Ucrânia segue resistindo e os países da OTAN se organizando para uma possível tentativa de avanço dos russos para os países integrantes da organização. A guerra até então não tomou proporções globais, no requisito bélico e nuclear, mas já há uma reorganização se formatando no mundo de forma preventiva para a economia, finanças, redes de comunicação, armamentista e humana todas as parcerias bilaterais e multilaterais estão sendo consultadas e reorganizadas por todos os países atuantes no mundo (BBC News Brasil. "As últimas horas antes da guerra: por que a Rússia concentrou tropas na fronteira com a Ucrânia". BBC News, 24 de fevereiro de 2022)

5.2 BRASIL E CHINA

Já em relação à China o Brasil tem um interesse em particular, entender a economia interna do país. Esse interesse parte do saber como progredir e evoluir de maneira rápida e efetiva como a China conseguiu. A China é o país mais populoso do mundo com cerca de 1,4 bilhões de pessoas (“*China - The world Factbook*”, cia.gov, 2022), sem dúvidas um dos países do continente asiático mais agitado em termos de conflitos territoriais e políticos. O mais conhecido deles pelo mundo e o mais interessante para entendermos como a China conseguiu se tornar uma potência econômica no mundo atualmente.

O início do desenvolvimento chinês se deu a partir do conflito entre os comunistas e os conservadores em 1 de janeiro de 1912 Dinastia Qing substituída pela República da China, (CIA.GOV, 2022). Todos os conflitos que levaram a China a se modernizar economicamente estão relacionados a conflitos internos territoriais e políticos.

O conflito entre a chamada China Continental e Taiwan se estende a séculos, com a evolução do governo e da sociedade da ilha e pela quantidade de chineses fugidos para o local, eles se reconheciam e alegam ser a verdadeira China, enquanto a China continental resistiu e em contrapartida se dizem ser a verdadeira e soberana China (“*Taiwan - The world factbook*”, cia.gov, 2022) .

Taiwan é um dos territórios não reconhecido dentro do continente asiático como um país, durante muitos anos o Brasil manteve relações com Taiwan a reconhecendo como a verdadeira China, o território taiwanês teve um excelente crescimento econômico, quando a China começou a ganhar notoriedade econômica e comercial o Brasil, entre outros países do mundo tiveram que decidir se posicionar novamente, voltar atrás e reconhecer a China continental como a verdadeira e única China, além dos conflitos com Taiwan existe conflitos

entre China Continental e Hong Kong e China Continental e Tibete (“A questão do Tibete”, brasilecola.uol, 14 de agosto de 2020).

A China tornou-se um importante ator no cenário econômico global, o Brasil manter boa relação com a China Continental nos garante insumos e estabilidade da balança comercial de importação e exportação. O país chinês chegou a um ponto de domínio econômico tão poderoso que 50% da economia mundial depende de alguma maneira, direta ou indireta, da nação chinesa. Na última semana do mês de maio de 2022 a ilha de Taiwan se sentiu ameaçada pela China continental, demonstrando que o embate entre os territórios se mantém (“Taiwan ativa defesa antiaérea”, euronews.com, 31 de maio, 2022).

Ainda mais no atual cenário mundial atual, a possível guerra causada pela invasão Russa ao território ucraniano deixando os países do do globo receoso, desde a primeira semana do conflito foi notada a presença de aviões sônicos e caças chineses no território aéreo de Taiwan com mais frequência, mantendo o governo taiwanês em alerta, o governo pediu a aplicação de sanções a China caso ocorra uma invasão ao estado, os EUA se posicionaram e declaram apoio militar caso a invasão aconteça, até então as ameaças entre China e EUA vem sendo frequentes em relação ao assunto, (“EUA anunciam início de negociações para acordo comercial com Taiwan”, euronews.com – 18 de agosto de 2022).

Mesmo com todo conflito territorial paralelo, para chegar nesse patamar econômico a China Continental fez muitos sacrifícios, no termo literal da palavra. É bastante conhecido o episódio da grande fome que a China passou no governo de Mao Tsé-Tung (1949 – 1976) causada por uma tentativa de reforma agrária mal estudada e aplicada resultando na morte de 45 milhões de chineses, o intuito do governo chinês foi o mesmo de outros vários países, a busca do crescimento da nação visando ser uma potência mundial, seria necessário a modernização do país, seus cidadãos foram condicionados a seguir o que lhes eram ordenados e cooperarem com o progresso da nação, que no governo de Mao Tsé-Tung acabou falhando, CAMILA (2008).

No entanto, com a mudança do governo para o de Deng Xiaoping (1976-1997), as tentativas de modernização começaram a dar resultados quando em 1978 com a abertura econômica. Xiaoping visava o desenvolvimento de quatro setores considerados os mais importantes para o crescimento da nação: setor agrário, setor industrial, no setor de defesa (armamento nuclear) e no setor de ciências e tecnologias (BASTOS, CAMILA, 2008 p. 09).

Essas ações proporcionaram o crescimento da nação, porém por mais que o país esteja em uma posição boa na economia global a desigualdade social que há no país é bem acentuada, a população próxima às ZEES (Zonas Econômicas Especiais), no litoral do país é

Enquanto isso, durante essa mesma época, o Japão passou pela troca de governo Príncipe Mutsuhito, posteriormente nomeado como Imperador Meiji, sucedera seu pai o

imperador Komei⁸. Com a mudança de gestão, o imperador buscou o crescimento para o Japão através de uma reforma revitalizando, buscando a modernização da nação. Essa busca colocou o país em um momento em que a sua população estava concentrada, principalmente em Tóquio, graças a essas mudanças impostas pelo governo como a mudança do regime de pagamento de impostos, condicionando muitos camponeses a perderem suas terras, migrando assim para os centros das cidades em busca de trabalho, que não havia para todos acarretando numa explosão demográfica. A população estava numerosa e desabrigada, colocando-os em estado de miséria, Motoyama (2011) .

O governo japonês decidiu então mandar parte de sua população para onde eles tinham colônias, também ficou ciente da situação do Brasil e o interesse de relação com o grande produtor de café era interessante, mas não antes de uma avaliação minuciosa. O Brasil e o Japão já haviam firmado um tratado de amizade em 1885, contribuindo com a viabilização para a imigração japonesa. Enquanto o Japão estudava o Brasil para a possibilidade de trazer seus cidadãos no Brasil acontecia a crise de superprodução cafeeira em 1896. A essa altura o Marechal Deodoro da Fonseca já havia assinado a permissão imigratória dos orientais e africanos, mas essa crise retardou a imigração dos japoneses. Posteriormente o Japão enviou um dos seus generais para analisar novamente a situação do lugar para onde seu povo ia ser alocado (História da imigração japonesa no Brasil, Alesp, 10 de janeiro de 2008).

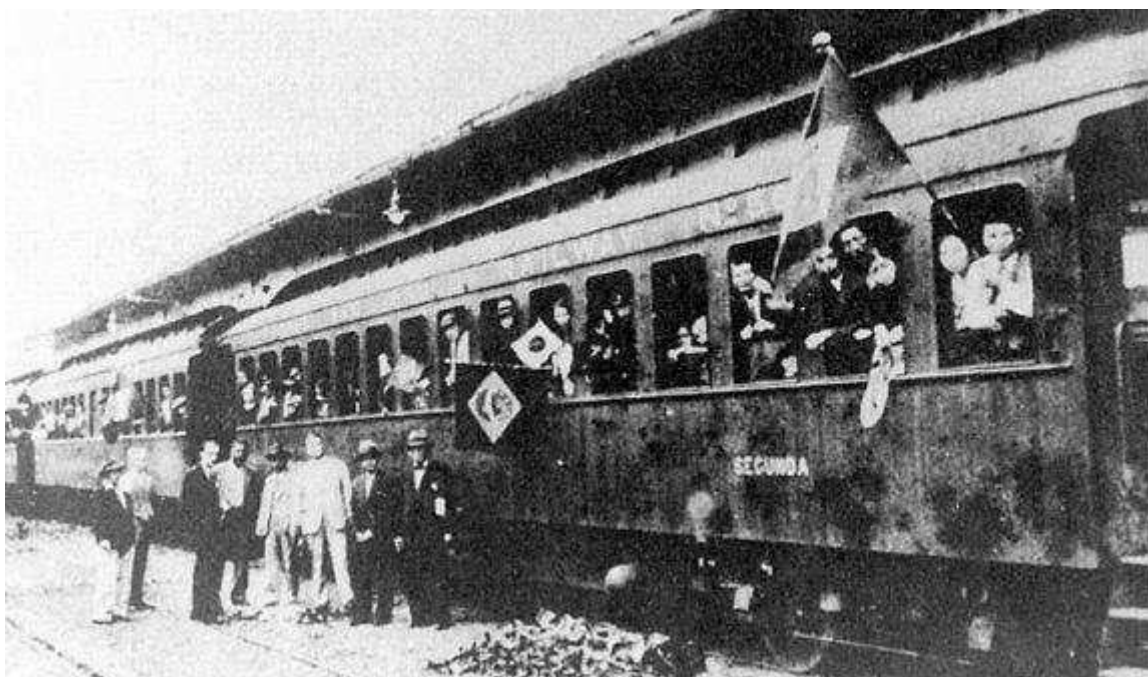
O general Ryu Mizuno foi muito bem recebido, o Brasil já havia se recuperado da crise, as condições estavam favoráveis para os japoneses serem trazidos para o país, e assim foi feito. Mas o prometido era bastante diferente da realidade, para se tornar atrativo a vinda dos orientais para o Brasil, foram ditas várias meias verdades, como por exemplo questão de moradia. Eram oferecidas moradias para os que vinham trabalhar nos cafezais, mas não eram comentadas as condições dessas moradias (BERMEJO, 2019, p. 16).

Ainda assim, tentando se adaptar a esse novo cenário governo brasileiro cuidou de toda burocracia legislativa e de relações internacionais, mas os empregadores desses imigrantes em específicos eram privados, e vindos de uma formatação trabalhista escravocrata

⁸ III SIBOGU, 2019 - Japoneses pioneiros nas fazendas de café do interior paulista, Mestre Diego Bermejo Oba e Dr. Marta Enokibara.

os donos dos cafezais visavam o máximo de lucro, logo, o mínimo de gastos com mão-de-obra, de qualquer forma possível. Entretanto, a comunidade japonesa se estabeleceu em território brasileiro chegando a ser a maior comunidade japonesa fora do Japão, sendo assim até os dias atuais. O relacionamento econômico entre Japão e Brasil foi um processo extenso, em sua grande parte exclusivamente bilateral.

Imagem 3: Imigrantes japoneses deixam o porto para SP



Fonte: Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

A preocupação com a inserção na economia global do Japão, após a segunda guerra mundial tomava medidas de estar incluso a essa dinâmica, ainda sob domínio americano os empresários de redes privadas começaram a fazer investimentos fora do Japão, o que beneficiou o Brasil. Desde a década de 60 quando a Toyota chegou ao Brasil, foram instaladas outras empresas que permanecerão até os dias atuais em nosso território como a Usiminas, (ALTEMANI, 2002, p. 118 – 119). Na década de 80, houve a chamada “década do apagão”, o Brasil estava passando por uma estagnação econômica causada por uma hiperinflação na década seguinte, novamente o Japão ficou apático em relação às privatizações no Brasil.

No entanto, as relações econômicas se estabelecem novamente nos anos 2000, chegando ao ponto em de se tornar o 12º maior investidor direto no Brasil em termos de estoque, cerca de US\$ 21 bilhões, em 2020, (“Ministério das Relações Exteriores - Japão”, gov.com, 04 de julho de 2014).

As relações econômicas estão sempre em dinamicidade entre ambos países, no entanto, no quesito humano as gerações de japoneses nascidos no Brasil se tornam cidadãos brasileiros também, sendo brasileiro tem todos os direitos adquiridos pela nacionalidade, diferentemente do Japão, os imigrantes brasileiros que formaram família, seus descendentes não se tornam japoneses, não são inseridos na sociedade como cidadãos da nação japonesa, desde 2015 o Chanceler Mauro Vieira visitou o Japão e se reuniram para traçar uma estratégia para os descendentes de brasileiros em solo japonês serem alfabetizados na língua japonesa e terem acesso de forma igualitária as oportunidades de vida oferecidas pelo país do Japão, sem distinção (“2015 – Visita do chanceler Mauro Vieira ao Japão (28 e 29 de julho)”, gov.com, 20 de outubro de 2020).

As interações entre Brasil e Japão seguiram a busca de uma agenda não só bilateral como multilateral, buscando a globalização. Em 2014 foi estabelecida a Parceria Estratégica e global. Dois países atuantes economicamente dentro dos seus continentes, com uma importância política, social e econômica dentro de seus blocos separada pelo oceano, mas que conseguiu, até então, manter uma parceria efetiva para ambos envolvidos (“Ministério das Relações Exteriores - Japão”, gov.com, 04 de julho de 2014).

5.4 BRASIL E O SUBCONTINENTE INDIANO

O subcontinente Indiano é formado pelos países da Índia, Paquistão, Nepal e Bangladesh. Maldivas e Sri Lanka também são integrados ao subcontinente indiano. Os países citados se encontram numa placa tectônica a parte da placa Euroasiática, como se realmente fosse um continente dentro do continente asiático, a formação geológica que cerca e separa as placas definem boa parte das rotas comerciais e com elas os conflitos políticos e econômicos que acontecem a décadas entre os países da área (FREIRE, 2019, p.315).

A maior parte da história abordada quando falamos do subcontinente gira em torno do país da Índia, um dos países mais populosos e povoados do mundo, ficando atrás apenas da China, com cerca de 1.407.563.842 habitantes (“Índia, The world factbook”, cia.gov, 2022). Mas a estimativa é que essa posição seja superada em alguns anos, graças às políticas de controle de natalidade que a China abordou a um tempo atrás Wang, F. (2011) , diferente da Índia, como um país democrático mesmo conscientizando a população não conseguiu efetivamente conter o crescimento populacional como a China eu impunha com aumento de impostos, cortes de benefícios (caso houvesse), dentre outros.

Como a Índia é um país de maioria rural, ter filhos e quanto mais filhos, melhor era visto por serem necessários para mão-de-obra nos campos, fora as questões religiosas que envolvem castas, abordaremos mais a seguir. Sobre a Índia tem o início da sua história bastante defasado por falta de registros históricos causada pela falta de unidade política e pela multiplicidade de Estados. atualmente a Índia é a quinta maior potência do mundial, o PIB é bom, mas a distribuição per capita deixa a desejar (FREIRE, 2019, p.315).

Mapa 10: Subcontinente Asiático



Fonte: MAPS-INDIA-IN

O país indiano tem um índice de desenvolvimento econômico significativo, exatamente por causa do tamanho da população, no entanto o IDH do país é baixo, a estimativa é que o país consiga ser uma das maiores potências mundiais até o fim do século XXI se continuar nesse ritmo, podendo ultrapassar países como EUA e China (ARRUDA, 2008, p.17).

O Brasil mantém relações multilaterais e bilaterais com a Índia desde 1948, quando o Brasil estabeleceu relações diplomáticas com o país indiano, o Brasil também mantém relações com Bangladesh e Paquistão, no entanto, mais significativamente com a Índia. Não muito diferente dos países asiáticos, a Índia vive em constante conflitos por causa do território, o país é geograficamente bem situado e com uma rota comercial bastante almejada. O subcontinente indiano, destacando o país da Índia, existe uma parceria desde 1990 onde há

um empenho de ambos os lados em cooperarem nos setores da cultura, imigração, pecuária, cooperação técnica e educação. Além de muitos acordos comerciais e tecnológicos, o Brasil tem relações bilaterais com a Índia desde a época como colônia portuguesa, com as relações multilaterais (BRICS, G20 ...) as relações bilaterais tornaram-se mais estreitas (Ministério das relações exteriores – República da Índia, 03 de julho 2014).

Além do mais, Brasil e Índia na década de 40 em diante, uniram forças contra o monopólio do poder das potências globais buscando enfatizar a importância que suas nações em desenvolvimento tinham, se negando a ser coadjuvantes no cenário global, queriam atuar como nações livres. O discurso dos três Ds (Desarmamento, Desenvolvimento e Descolonização), feito em 1963, feito pelo chanceler Araújo Castro, ressaltava: "Nem tudo é Leste ou Oeste nas Nações Unidas de 1963. O mundo possui outros pontos cardeais" (FUNAG - gov.com, novembro de 2021).

Depois da guerra fria a formatação global não deixou definida a posição dos países em desenvolvimento, do porte da Índia, do Brasil e da Rússia, então na década de 90 a narrativa dos pontos cardeais de antes foi retomada novamente. A retomada da narrativa de atuação dos países subdesenvolvidos como atores atuantes do cenário global estreitou laços entre Brasil e Índia, não bastando estarem alinhados com a mesma opinião do quadro político global, o Brasil e a Índia têm bastante parcerias nas áreas agrícola, tecnológica e ambiental (BAÉ, 2007, p. 47 - 49) .

A agenda de comunicação e visitas entre os governantes dos países foi a mais agitada já registrada num curto espaço de tempo, de cerca de 10 anos. Muitas parcerias foram firmadas principalmente no setor tecnológico. Conhecido como um país baleia, por ser imenso em vários aspectos, além dos países que compõem o conhecido subcontinente são vários os aspectos que podem ser abordados e discutidos principalmente em comunicação com o Brasil (Ministério das relações exteriores – República da Índia, 03 de julho 2014).

5.5 BRASIL E AS CORÉIAS

Mapa 11: As duas Coreias



Fonte: DUBY, George. *Atlas Historique Mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 197.

Antes de serem conhecidas como República Popular da Coreia e Coreia do Sul, os países eram um só conhecido como Península da Coreia. Antes de se tornar um território muito desejado por vários países, entre eles Japão, Rússia, China, EUA por sua localização estratégica, geograficamente favorável para o acesso do continente, a Península da Coreia tem um histórico de conflitos territoriais como de praxe em solo asiático, a Península foi o resultado final da junção de três reinos: Goguryeo, Baekje e Silla, realizada pelo rei Silas em 618 (NUNES DE SOUZA, 2017).

A relação entre a Península e a China nesse período era de submissão, o regime era conhecido como Sadae “Servir o maior”, o relacionamento não era de completa servidão tendo em vista que a Península Coreana mantinha autonomia econômica e tirava benefícios dessa relação com a China, por isso manteve essa amizade ao longo do seu desenvolvimento.

O relacionamento com a China tomou uma formatação diferente de acordo com o seu desenvolvimento e evoluiu para um Estado tributário, assegurando à alta sociedade Coreana a segurança e a autonomia proporcionada pela China, também conhecida pelos coreanos como império do Centro.

Os conflitos se intensificam numa proporção exaustiva no reinado do rei Sejong, durante a dinastia Joseon (1392 a 1897) o país começou a sofrer com tentativas consecutivas de invasão por parte dos japoneses e Manchus, incentivando o país a se fechar cada vez mais em si mesmo. O Japão em 1904/1095 invadiu a China usando o território coreano e cortando assim as relações entre os dois países (NUNES DE SOUZA, 2017) .

Alguns anos antes a guerra entre russos e japoneses pela posse do território coreano, foi negociado o tratado de entregando o território aos japoneses. o domínio japonês durou até o fim da segunda guerra mundial quando os japoneses foram expulsos do território coreano, mesmo ganhando sua autonomia de volta o território foi ocupado pela União Soviética e pelos Estados Unidos.

Ainda segundo Nunes de Souza (2017) em 1948 a península foi dividida politicamente e economicamente. Em 1950 os lados dominados pela Rússia e EUA entraram em conflito. O conflito entre os dois países segue tenso desde 1953, mesmo com um tratado de paz pouco formulado, dando brecha para interpretações, sendo bem utilizadas de acordo com interesse de ambos os lados no território vizinho.

As coreias foram divididas de acordo com os “lados” aliados durante a guerra fria, a Coréia do Sul decidiu aceitar a proposta Estadunidense do plano Colombo, de forma “implícita” aceitando apoiar o capitalismo que era proposto no combo do plano, enquanto a República Popular da Coréia decidiu seguir e apoiar o comunismo, sinalizado pela União Soviética (NUNES DE SOUZA, 2017).

As diferenças entre as duas repúblicas são notórias:

Diferenças entre as Coréias	
República Popular da Coréia (Norte)	República da Coréia (Sul)
Política do isolacionismo;	Política da boa vizinhança;
Proteção Contra os Estados Unidos;	Acordos comerciais bilaterais;
Programa nuclear ativo e projeção de mísseis;	Pouco poder bélico;
Política da autossuficiência.	Uma das principais economias mundiais – integrante dos Tigres asiáticos.

Tabela 1: Diferença entre as Coréias (Elaborado pela autora, 2023)

Enquanto a Coreia do Sul tem a qualidade de vida comparada à de países europeus, a do Norte tem os padrões de vida comparados a alguns países africanos. Segundo dados federais sobre as relações bilaterais, temos cooperatividade com a Coreia do Sul desde 1959 e desde 2001 começamos um relacionamento de comunicação com a Coreia do Norte. Como a Coreia do Sul participa do grupo dos Tigres asiáticos e por ser mais aberta à globalização capitalista, as relações comerciais e políticas são mais dinâmicas em comparação com seu país vizinho (NUNES DE SOUZA, 2017) .

5.6 BRASIL E OS TIGRES ASIÁTICOS

Mapa 12: Localização dos Tigres Asiáticos



Fonte: BRASIL ESCOLA

Conhecido como Tigres Asiáticos, o grupo é formado por Taiwan, Hong Kong, Coreia do Sul e Singapura. Os tigres são bastante conhecidos pela rápida ascensão econômica, até o ano de 1965 os países estavam entre os classificados como países de baixíssimo desenvolvimento o que intriga muitos estudiosos sobre o seu progresso econômico, mas há dois grupos teóricos que trazem em sua argumentação, pontos plausíveis corroborando sua teoria (CARVALHO, 2015, p. 03).

A primeira seria baseada no neoclassicismo que se embasa em boas políticas públicas e investimentos que garantiram o bom funcionamento do mercado. A segunda seria entre 1920 e 1940 como uma espécie de falha do neoliberalismo por falta da intromissão estatal (CARVALHO, 2015).

A grandeza do êxito e da expansão econômica dos tigres asiáticos pode ser considerada com as mesmas proporções dos métodos peculiares da economia chinesa, diferente nos parâmetros, mas tão expressivos quanto. Esse pulo no desenvolvimento aconteceu em duas décadas, entre 1960 e 1980. No início os países do grupo abriram as portas para as indústrias de outros países, principalmente do Japão, tendo pouco território e muitos projetos tecnológicos, usou as terras dos tigres para produzir, sendo oferecido o espaço e a mão-de-obra técnica especializada a partir do investimento enxertado pelo plano Colombo (AMANN, Edmund J.; BAI, Jushan, 2001).

Enquanto isso, os países do grupo, principalmente como a Coreia do Sul, investiram em educação, capacitando os seus cidadãos e abrindo espaço para os seus próprios trabalhadores, pesquisadores e cientistas se inserirem dentro das empresas de fora do país, aprender com elas, se especializa e melhorar e consequentemente produzir os seus próprios produtos tecnológicos (AMANN, Edmund J.; BAI, Jushan, 2001).

Depois de uma crise econômica violenta na Ásia em 1997, o grupo dos tigres asiáticos virou uma forma de modelo neoliberalista do como fazer e do como não fazer estratégias econômicas, seguindo as relações bilaterais com os Brasil, o grupo também se tornou referência para nós, (NASSIF, 2005).

6 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A COMPREENSÃO DO CONTINENTE ASIÁTICO

Como bem sabemos a atualidade é fundamental para o ensino de Geografia respostas de questionamentos, por exemplo, como podemos abordar o conteúdo sobre a Ásia? Se temos abordado de forma coesa e efetiva as relações bilaterais dos países do continente asiático com o Brasil? Qual a importância dessas relações para o Brasil? E como interfere ou coopera para a inserção do Brasil no grupo seleto dos países desenvolvidos?

Segundo PONTUSCHKA (2010), "O continente asiático tem sido negligenciado em grande parte do ensino de Geografia no Brasil, o que é um grande erro, já que se trata de um continente de extrema importância em termos geopolíticos e culturais." Levando em consideração esse questionamento, como bem sabemos a atualidade é fundamental para o ensino, como podemos abordar sobre a Ásia? Temos abordado de forma coesa e efetiva as relações bilaterais que temos com os países do continente asiático? É claro para os alunos do ensino fundamental e médio a importância dessas relações para o Brasil? E como interfere ou coopera para a inserção do Brasil no grupo seleto dos países bem desenvolvidos?

De acordo com PONTUSCHKA; PAGANELLI (2011), o ensino de Geografia deve contemplar uma abordagem crítica e reflexiva sobre as relações geopolíticas e econômicas da Ásia, incluindo as relações bilaterais com o Brasil. Para os autores, é fundamental contextualizar a formação territorial e econômica dos países asiáticos e analisar a dinâmica das relações comerciais e diplomáticas entre as regiões, bem como suas implicações para a economia brasileira e a inserção do Brasil no cenário global. Além disso, o ensino deve ser atualizado e utilizar materiais didáticos adequados, como mapas e imagens, para situar os estudantes geograficamente e promover a compreensão da dinâmica da região.

Nesse sentido, é importante que o ensino de Geografia contemple a diversidade cultural, histórica e econômica da Ásia, a fim de que os estudantes possam entender a complexidade da região e suas implicações globais. É fundamental que o ensino sobre a Ásia seja abordado de forma crítica e reflexiva, promovendo a formação de uma consciência crítica acerca das relações internacionais e da construção de uma sociedade mais plural e tolerante.

Portanto, para abordar o conteúdo sobre a Ásia em sala de aula, é necessário utilizar uma abordagem atualizada e contextualizada, promovendo a compreensão das relações bilaterais com o Brasil e das implicações dessas relações para a economia brasileira e para a inserção do Brasil no cenário global (PONTUSCHKA; PAGANELLI, 2011). Esse tipo de superficialidade do estudo entre as relações do Brasil com outros países também foi dado por

muito tempo ao continente africano, por muito tempo foi ensinado no ensino base a ignorar ou analisar o continente africano sob uma ótica eurocentrista, mas com a abordagem de temas como racismo e os estudos sobre a escravidão e religiões, o continente tem encontrado cada vez mais o seu espaço no ensino, de forma mais assertiva e concreta, trabalhada em pesquisas que estudam a fundo os fatos e a historicidade num olhar mais crítico.

Observando as exigências da formação de conteúdo para o material didático para as escolas, baseado em buscar a maior qualidade de informações possíveis que integrem o aluno de forma consciente na sociedade, nivelando o conhecimento dos alunos de forma padrão, assuntos tão importantes quanto as relações comerciais, culturais e sociais entre o Brasil e o continente asiático, os países que nossa nação se relaciona tem a realidade social mais próxima da nossa do que imaginamos, bem mais do abordado em sala.

Alguns assuntos como blocos econômicos e conflitos territoriais mesmo de forma sucinta, traria para dentro das salas de aula e posteriormente aos cidadãos dentro da sociedade uma visão mais abrangente dos fatos, menos europeizadas ou americanizadas. O embasamento teórico de muitos assuntos entre os continentes acabou sendo dividido entre capitalismo e comunismo, um sendo vilanizado pelo outro e essa forma de pensamento levou a um traçar de linha definindo em tons de preto e branco relações e história de formação territorial completamente mescladas, atrapalhando relações de grande importância, atraso no desenvolvimento social de muitos países com potencial extremamente bons e até perdurando e concretizando guerras. O continente asiático não deveria se reduzir apenas aos países da China, Japão e Índia.

Os continentes são abordados no 9º ano do ensino fundamental, um dos livros selecionados como material didático para os anos de 2020 a 2023 foi o da editora moderna (*1. Geografia (Ensino fundamental) I. Adas, Sergio. II.*), a abordagem do assunto sobre o continente asiático está presente de uma forma sucinta, fala sobre China, Japão e Índia além dos Tigres asiáticos, abordam assuntos como economia, sociedade e política, de forma mais resumida em comparação ao continente europeu. é evidente no contexto de formação econômica e territorial a importância europeia na formação brasileira, no entanto quando partimos para as relações atuais e identificação no cenário global o Brasil apresenta mais similaridades com os países no qual se relaciona com o continente asiático, em relação à economia, população e sociedade. dentro da base curricular podemos ver os temas sendo distribuídos de forma orgânica em relação às temáticas. quando partimos para relações internacionais e globalização a partir do último bimestre do 7º ano os assuntos vão

condensando, no entanto, temas relacionados ao continente asiático seguem de forma “pincelada”.

Diante da constante dinamicidade do continente asiático, torna-se fundamental o aprofundamento do tema em questão. Embora a abordagem da Ásia no ensino médio seja geralmente voltada para o preparo dos estudantes para o vestibular, é necessário ir além dessa perspectiva, de modo a compreender a magnitude do tema em questão. Nesse sentido, como destaca Paganelli (2013), é preciso incorporar o estudo da Ásia ao currículo escolar, de forma a possibilitar uma formação mais ampla e crítica dos estudantes.

Assim, é fundamental que os educadores estejam atentos à importância do estudo da Ásia e suas relações com o Brasil e o mundo, e busquem desenvolver metodologias de ensino que permitam aos estudantes compreender a complexidade do tema. Conforme aponta Paganelli (2013), é preciso explorar a história e a geografia do continente asiático, suas dinâmicas políticas e econômicas, seus desafios sociais e ambientais, bem como as relações bilaterais entre o Brasil e os países asiáticos.

Desse modo, a abordagem do tema deve ser mais ampla e crítica, buscando explorar as múltiplas dimensões envolvidas, e não apenas preparar os estudantes para o vestibular. Para isso, é fundamental a adoção de metodologias participativas e interativas, que envolvam os estudantes no processo de construção do conhecimento e possibilitem o desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o tema em questão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o presente trabalho apresentou a importância do estudo das relações bilaterais entre o Brasil e os países do continente asiático. Foi possível evidenciar como essas relações são relevantes para a compreensão da formatação global atual e das relações socioeconômicas entre as regiões. A metodologia adotada permitiu uma análise aprofundada dos fatos históricos pertinentes, além de abordar a inserção dessas relações nos parâmetros curriculares nacionais e como são trabalhadas no ambiente escolar.

É importante destacar que, apesar de algumas relações serem de longa data e apresentarem similaridades potenciais de desenvolvimento, ainda existem desafios a serem superados para que esses países atinjam seu pleno potencial. O aprofundamento do tema em sala de aula pode contribuir para a formação de uma consciência crítica acerca das relações internacionais, além de promover o diálogo intercultural e a construção de uma sociedade mais plural e tolerante.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Brasil e China trocam experiências em combate à pandemia.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/brasil-e-china-trocam-experiencias-em-combate-pandemia>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- AGÊNCIA BRASIL. **Comércio bilateral entre Brasil e Índia ultrapassa US\$ 10 bilhões.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-09/comercio-bilateral-entre-brasil-e-india-ultrapassa-us-10-bilhoes>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- AMANN, Edmund J.; BAI, Jushan. *The Four Asian Tigers: Economic Development & the Global Political Economy*. Center for Business and Government, Harvard University, 2001.
- [Arquivo Nacional \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)
- ASEAN. The Founding of ASEAN. Disponível em: <https://asean.org/about-asean/the-founding-of-asean/>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- ASEAN - Associação das Nações do Sudeste Asiático. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/asean.htm#:~:text=A%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20do>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **História da imigração japonesa no Brasil.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **História da imigração japonesa no Brasil.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=368937>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- Atlas Geográfico da Ásia. Disponível em: <https://www.guiageo.com/asia/atlas.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- BARBOSA, R. S. **Os Blocos Asiáticos e o Relacionamento Brasil-Ásia.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 114-124, jan./mar. 2002.
- BBC NEWS. **O que é o Círculo de Fogo do Pacífico, onde fica vulcão que matou turistas na Nova Zelândia.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50721513>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- BBC News Brasil. **Como visita de Bolsonaro a Putin é vista na Rússia.** [s.d.]. Disponível em: [Como visita de Bolsonaro a Putin é vista na Rússia - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50721513). Acesso em: 08 de maio, 2022.
- BBC NEWS BRASIL. **Rússia x Ucrânia: quais sanções estão sendo impostas à Rússia e o que mais pode ser feito?.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60506046>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BERMEJO OBA, D.; ENOKIBARA, M. **Japoneses pioneiros nas fazendas de café do interior paulista**. Novembro de 2019.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 1999. Coordenadoria Geral de Ensino Médio: Avelino Romero Simões Pereira. Coordenação de Elaboração: Eny Marisa Maia. Secretário de Educação Média e Tecnológica: Ruy Leite Berger Filho.

BRASIL ESCOLA. **A questão do Tibete. A China e a questão do Tibete**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-questao-do-tibete.htm>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRASIL ESCOLA. **Países da Ásia: lista com as capitais, mapa e mais**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-asia.htm>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CARVALHO, André Moura de. Crescimento Econômico: **Análise comparativa de políticas adotadas pelo Brasil e Tigres asiáticos**. 2015.

CHAN, Kenneth S. Asian tigers, world economy: soaring dragon, fragile wings. Singapore: World Scientific Publishing, 2012.

CNN BRASIL. **Presidente da CPI se diz preocupado com “ataques à China” por parte do governo**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/presidente-da-cpi-se-diz-preocupado-com-ataques-a-china-por-parte-do-governo/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CIA. **The world Factbook**. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/>. Acesso em: 06 mar. 2023.

COPETTI CALLAI, Helena. **A Geografia escolar – e os conteúdos da Geografia**. *Revista Virtual Geografia, Cultura y Educación*, v. 16, n. 2, p. 1-13, 2011. Disponível em: <http://www.rigeo.org/site/ojs/index.php/rigeo/article/view/110>. Acesso em: 26 de abril, 2022.

DE CARVALHO, D. **O subcontinente Indu**. Atlas de Relações Internacionais N°25. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

DE SOUZA, R.; BARBOSA, A. **Ataques do 11/9 deram início a “guerra ao terror” e mudaram curso da geopolítica.** CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ataques-do-11-9-deram-inicio-guerra-terror-e-mudaram-geopolitica/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DW. **Divergência entre EUA e China ofusca cúpula da Apec.** 18 nov. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/diverg%C3%Aancia-entre-eua-e-china-ofusca-c%C3%BApula-da-apec/a-46348018>. Acesso em: 02 mar. 2022.

EURONEWS. **EUA anunciam início de negociações para acordo comercial com Taiwan.** Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/12/10/eua-anunciam-inicio-de-negociacoes-para-acordo-comercial-com-taiwan>. Acesso em: 26 fev. 2023.

EURONEWS. **Taiwan ativa defesa antiaérea.** Disponível em: <https://pt.euronews.com/2022/05/31/taiwan-ativa-defesa-anti-aerea>. Acesso em: 22 fev. 2023.

EXAME. **Pandemia provoca recessão recorde e derruba PIB de ao menos 28 países.** Disponível em: <https://exame.com/economia/pandemia-provoca-recessao-recorde-e-derruba-pib-de-ao-menos-28-paises/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FAROLE, T.; AKINCI, G. (org.). **Special Economic Zones: Progress, Emerging Challenges, and Future Directions.** Washington, D.C.: The World Bank, 2011.

FOLHA DE S. PAULO. **Em novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra biológica com Covid.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/em-novo-ataque-bolsonaro-sugere-que-china-faz-guerra-biologica-com-covid.shtml>. Acesso em: 23 fev. 2023.

FOLHA DE S.PAULO - **Malásia oferece parceira comercial a FHC - 19/12/1995.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/19/brasil/19.html>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "ASEAN"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/asean.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (FUNAG). **João Augusto de Araújo Castro - Discurso de posse.** Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/joao-augusto-de-araujo-castro-discurso-de-posse>. Acesso em: 23 fev. 2023.

G1. **Comitivas da Rússia e da Ucrânia se encontram pela primeira vez desde começo da invasão.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/28/comitivas-da-russia->

[e-da-ucrania-se-encontram-pela-primeira-vez-desde-comeco-da-invasao.ghtml](#). Acesso em: 25 fev. 2023.

G1. **Crise da Ásia completa 10 anos**. 2007. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Economia/Negocios/0,,AA1577051-9356,00-CRISE+DA+ASIA+COMPLETA+ANOS.html>

Acesso em: 02 fev. 2023

GQ. **Mourão e líderes mundiais condenam invasão da Rússia à Ucrânia**. Disponível em: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2022/02/mourao-e-lideres-mundiais-condenam-invasao-da-russia-ucrania.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

Guia Geo Europa. **História da Rússia**. Disponível em:

<https://www.guiageoeuropa.com/russia/historia.htm>. Acesso em: 06 mar. 2023.

GUITARRARA, Paloma. **"Tigres Asiáticos"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/tigres-asiaticos.htm>. Acesso em 02 de abril de 2023.

GUTIERREZ B., H. (1993). **LA ASEAN ante el emergente orden mundial: reordenamiento regional y diplomacia colectiva en el pacífico**. *Estudios Internacionais*, 26 (101), p. 57-73.

IBGE. **Países: Rússia (Federação Russa)**. Disponível em: <https://paises.ibge.gov.br/#/dados/russia-federacao-russa>. Acesso em: 23 fev. 2023.

IEA. **Relatório do Mercado de Petróleo** - Maio de 2020. Paris: IEA, 2020. Disponível em: <https://www.iea.org/reports/oil-market-report-may-2020>. Acesso em: 27 abr. 2023. Licença: CC BY 4.0

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). **190 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia (3 de outubro de 2018)**. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/190-anos-de-relacoes-diplomaticas-entre-o-brasil-e-a-russia-3-de-outubro-de-2018. Acesso em: 25 fev. 2023.

Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Ásia, Pacífico e Rússia**. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/asia-pacifico-e-russia>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MOTOYAMA, Shozo. **Sob o Signo do Sol Levante: Uma História da Imigração Japonesa no Brasil, volume I (1908-1941)**. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2011.

MOURA DE CARVALHO, A. **Crescimento Econômico: Análise comparativa de políticas adotadas pelo Brasil e Tigres asiáticos.**, 2015. Acesso em: 22 fev. 2023

MUNDO EDUCAÇÃO. **Os 20 maiores países do mundo: lista de quais são.** Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/os-maiores-paises-mundo.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

NASSIF, A. **Estratégias de Desenvolvimento em Países de Industrialização Retardatária: Modelos Teóricos, a Experiência do Leste Asiático e Lições para o Brasil.** Revista do BNDES, Rio de Janeiro, jun. 2005.

NATO. **What is NATO?** Disponível em: https://www.nato.int/nato-welcome/index_pt.html. Acesso em: 28 mar. 2022.

NUNES DE SOUZA, B. **A Permanência dos conflitos entre Coreia do Norte e Coreia do Sul,** 2017.

NYE, J. S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** Nova York: Public Affairs, 2004.

OTAVIANO RIBEIRO, D. **BRASIL + ÁSIA: A VISÃO DA DIPLOMACIA BRASILEIRA SOBRE O CONTINENTE ASIÁTICO NO PERÍODO LULA.,** [s.d.].

OVERHOLT, W. H.; RAND CORPORATION. **Asia, America, and the transformation of geopolitics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. **A inserção do estudo da Ásia no currículo escolar.** In: CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; SOUZA, Sandra Maria Zambrano de (orgs.). **Ensinar Geografia na contemporaneidade.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 187-198.

POLITIZE!. **Soft Power e Hard Power: entenda a diferença!** Disponível em: <https://www.politize.com.br/soft-power-hard-power/>. Acesso em: 28 jan. 2023

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 226.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** São Paulo: Contexto, 2011.

PORTO DE OLIVEIRA, A. **A ÁSIA NO CENTRO DO MUNDO?** set. 2009.

RAMSAY, S. W. M. **The Historical Geography of Asia Minor.** John Murray, 1890.

RICHTER, D. **Ásia: suas divisões internas - Algo Sobre.** Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/geografia/asia-suas-diviso-es-internas.html>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SAID, Edward. **Orientalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEGRILLO, Angelo. **Rússia: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente.** 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SOUSA, Rafaela. "Ásia"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/asia.htm>. Acesso em: 14 fev. 2023

SUMMIT AGRO. **Quais são os principais produtores de grãos do mundo?** Disponível em: <https://summitagro.estadao.com.br/comercio-exterior/quais-sao-os-principais-produtores-de-graos-do-mundo/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Toda Matéria. **Ásia**. [2020]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/asia/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects - Population Division - United Nations**. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/Download/Standard/MostUsed/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

Wang, F. (2011). The demographic consequences of the "one-child policy" in China. *Population and Development Review*, 37(S1), 31-48.

ZANATTA, P. **Entenda por que o preço do petróleo disparou com a guerra entre Ucrânia e Rússia**. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/entenda-por-que-o-preco-do-petroleo-disparou-com-a-guerra-entre-ucrania-e-russia/#:~:text=A%20escalada%20do%20pre%C3%A7o%20ocorre>. Acesso em: 22 fev. 2023.